

Nem todo “chapeuzinho” é bom, nem todo lobo é mau: a Análise Textual Discursiva para além de uma metodologia de análise de informações empíricas

Not every “hat” is good, not every wolf is bad: Discursive Textual Analysis beyond an empirical information analysis methodology

Vivian dos Santos Calixto ^a

^a Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECMat), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados - MS, Brasil.

Resumo. A Análise Textual Discursiva (ATD), com gênese vinculada ao campo da Educação Química, tem ancorado o desenho teórico/metodológico de investigações de maneira crescente, não se restringindo a sua área fundante. Para além de se delinear como uma metodologia de análise de informações empíricas em pesquisas qualitativas, tem se configurado como um espaço/tempo de defesa em torno da pertinência de incorporarmos princípios da Fenomenologia e da Hermenêutica, seus pilares teóricos, no desenvolvimento de nossas ações de investigação e no escopo de nossas salas de aula. Diante dessa conjectura, nesse texto se intencionou compreender o contexto de formação de um componente curricular com foco na ATD, vinculado a um curso de pós-graduação, que fundamentou suas atividades nos princípios da mesma e na análise crítica de suas nuances teórico/práticas. Para tanto, os textos finais, elaborados pelos pós-graduandos, foram analisados mediante os pressupostos da ATD. Da análise emerge o argumento acerca da relevância de assumirmos a ATD como fenômeno a ser investigado e compreendido, além da potência de integrarmos, nos espaços de formação e ação pedagógica, fundamentos da Fenomenologia e Hermenêutica. Nesse ínterim, aflora a percepção da ATD enquanto uma potente proposta para ações em sala de aula com essa intencionalidade, diversificando suas aplicações, não restringindo a mesma, apenas, a categorização como metodologia de análise de informações empíricas.

Palavras-chave:
Educação em Ciências,
Fenomenologia,
Hermenêutica, Análise
Textual Discursiva,
Sala de Aula.

Submetido em
26/09/2024

Aceito em
28/07/2025

Publicado em
13/08/2025

Abstract. Discursive Textual Analysis (DTA), with its origins linked to the field of Chemical Education, has increasingly anchored the theoretical/methodological design of research, not limited to its founding field. Beyond its establishment as a methodology for analyzing empirical information in qualitative research, it has emerged as a space and time for defending the relevance of incorporating principles of Phenomenology and Hermeneutics—its theoretical pillars—into the development of our research initiatives and the scope of our classrooms. Given this conjecture, this text aims to understand the context of developing a curricular component focused on DTA, linked to a graduate program that based its activities on its principles and the critical analysis of its theoretical and practical nuances. To this end, the final texts, written by the graduate students, were analyzed using the assumptions of DTA. The analysis reveals the relevance of considering DTA as a phenomenon to be investigated and understood, as well as the potential for integrating the fundamentals of phenomenology and hermeneutics into educational settings and pedagogical practices. Meanwhile, the perception of DTA as a powerful proposal for classroom actions with this intention emerges, diversifying its applications and not limiting it to simply being categorized as a methodology for analyzing empirical information.

Keywords: Science
Education,
Phenomenology,
Hermeneutics,
Discursive Textual
Analysis, Classroom.

Partir é preciso: entre marcadores de contexto e nuances teóricas

Na cesta da ATD cabem mais do que doces, nela habitam narrativas diversas, uma multiplicidade infinita de paisagens. Dentre elas a possibilidade de que lobos não são maus (diário de sala de aula da autora)¹.



Figura 1. O encontro do lobo com chapeuzinho - ilustração de Rocio Bonilla (Grimm & Grimm, 2022).

A narrativa de chapeuzinho vermelho perpassa as memórias de muitos de nós. Intenciona, no conto primigênio, disseminar a moral de que não devemos nos desviar de nosso caminho e evitar falar com estranhos. Sabe-se que essas são dimensões importantes quando consideramos o cuidado com nossas crianças, porém também se disseminam outras percepções, dentre elas a de que lobos sempre serão maus/vilões e caçadores bons/heróis. Na narrativa original chapeuzinho desloca-se de sua residência rumo a de sua vovó, que está debilitada e precisa receber alguns cuidados/alimentos. Entre sua casa e a de sua avó uma floresta se impõe no caminho, seu itinerário.

Mobilizada pela tarefa de visitar sua vovó, chapeuzinho prepara sua cesta com alimentos e bebidas. Coloca suas vestimentas, entre elas um casaco/capa com capuz de coloração vermelha. Recebe distintas orientações de seus responsáveis, tais como não se desviar do caminho e não falar com estranhos. Após esse momento de pregar segue rumo ao seu destino. Ao caminhar pela floresta vislumbra pedras, árvores, flores, pássaros e uma infinidade de animais, de diferentes tamanhos, conhecidos e desconhecidos, que habitam aquele espaço. Segue firme em seu propósito, e no ecoar de seus pensamentos as vozes com as orientações que recebeu de seus responsáveis: “Nada de se desviar no caminho. E nada de falar com estranhos”. Ouvia chapeuzinho, de maneira repetitiva, toda vez que se encantava com algo no caminho e sua atenção era roubada.

¹ Tenho por hábito escrever diários desde muito jovem, quando ingressei na Licenciatura em Química não foi diferente. Agora como professora/pesquisadora persisto com essa prática, tenho diários de aula, de orientação, de grupos de estudo, enfim, não consigo deixar de registrar minhas reflexões, aventuras e desventuras enquanto professora/pesquisadora.

Eis que no meio do caminho havia um lobo. Figura noturna que se aproxima e busca estabelecer o diálogo. Logo ele a questiona sobre o fato de estar ali e para onde iria. Ela não resiste ao seu encantamento e estabelece uma conversa com o instigante desconhecido. Após trocar algumas palavras com o estranho deixa escapar sobre sua incumbência, e com isso revela seu destino. Após, segue rumo a casa de sua vó. O final da história todos sabem, o lobo devora a vovó, se disfarça com suas roupas e deita-se na cama na intenção de incorporar chapeuzinho a sua refeição anterior. No entanto, entre o diálogo de chapeuzinho e o lobo, que intrigada pela forma como sua “vó/lobo” se apresentava - olhos grandes, boca imensa e dentes afiados - o caçador surge como salvador. Resolve toda situação e ceifa a vida do vilão/lobo.

Na contemporaneidade esse e tantos outros contos começaram a ser problematizados, indicando distintas possibilidades para as narrativas e suas personagens (Silva, 2016). Quando analisamos essas histórias percebemos que a estrutura narrativa se organiza, frequentemente, por meio de dois polos, ganhador e perdedor, heróis e vilões, bem e mal, luz e escuridão, enfim, dois opostos, dois lados de uma história. Entretanto, nossas narrativas podem incorporar outro prisma, sem polarização. Se até mesmo o lobo, de chapeuzinho vermelho, pode assumir um outro papel, no qual não é o vilão, porque entre distintas instâncias não poderemos vislumbrar possibilidades multivariadas de interpretação. Diante dessa conjectura, nesse artigo intenciona-se desvelar possibilidades outras de compreensão da Análise Textual Discursiva, para além de uma metodologia de análise de informações discursivas. Nesse ínterim, na sequência apresentaremos alguns marcadores que constituem sua gênese e sentidos atribuídos no decorrer de sua tradição.

A Análise Textual Discursiva, popularmente conhecida como ATD, se configura como uma metodologia de análise de informações empíricas, atrelada a pesquisas de natureza qualitativa e que intencionem compreender fenômenos. Sua gênese se vincula a área da Educação Química e encontra aportes iniciais na perspectiva contemporânea da Análise de Conteúdo, (Moraes, 1999), desenvolvida pelo professor Roque Moraes no interstício temporal próximo a organização de sua obra base. Emergente de movimentos de estudo do coletivo que integrava o grupo de pesquisa, com orientandos do professor, tem como autores Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, ambos professores/pesquisadores da/na Educação Química, referenciais, formadores e inspiração para muitas gerações.

Sua presença, enquanto uma alternativa no repertório de possibilidades metodológicas de análise na pesquisa qualitativa, se configurou como uma potência para aqueles que almejavam ancorar suas investigações em princípios que destoavam dos predominantes. Porém, sua incorporação ao desenho metodológico das investigações não tem se restringindo aquelas vinculadas a Educação Química e/ou Ciências, as barreiras têm sido transpostas e sua aderência a distintas áreas tem sido constante. No que se refere ao quantitativo médio de citações da obra base, por ano, o número ultrapassa o milhar. Inúmeras produções têm considerado os aportes da ATD como referência para análise do seu material empírico e/ou da pesquisa qualitativa. Artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses tem assumido, de maneira progressiva, esta proposta como um farol no intento de compreender os fenômenos que mobilizam suas intencionalidades de investigação.

A obra base intitulada “Análise Textual Discursiva”, publicada em 2007 pela Editora Unijuí, apresenta três edições. Sendo a primeira reedição publicada em 2011 e a segunda em 2016. Na terceira versão da obra, para além da reedição houve um movimento de revisão e ampliação. Nesta, um texto introdutório e um novo capítulo foram incorporados, respectivamente intitulados como: “O despertar de uma nova visão” e “Avalanches reconstrutivas: movimentos dialéticos e hermenêuticos de transformação no envolvimento com a Análise Textual Discursiva”. Ambos os materiais se referem a produções do professor Roque Moraes, sendo o primeiro vinculado a sua tese de doutorado, que cabe destacar foi editada e publicada recentemente (Moares & Galiazzi, 2019), no qual esboça pistas de sua imersão no campo da Fenomenologia, encontro que influenciou no processo de desenvolvimento da ATD. E o seguinte trata de sua incursão nos estudos hermenêuticos, retratado em um dos textos em que trabalhava antes de sua prematura partida.

Entretanto, segundo apontado por Sousa (2020), a proposição da ATD, ou de seus princípios fundantes, começa a ser esboçada em 2003, cerca de quatro anos antes da publicação da primeira edição do livro em 2007, no artigo intitulado “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva” (Moraes, 2003). Nesse texto as dimensões que estruturam e ancoram a proposta de análise na ATD são apresentadas - desmontagem dos textos, estabelecimento das relações, captando o novo emergente e processo auto-organizado. Ao discorrer acerca de cada uma dessas dimensões Moraes (2003) propõe um conjunto de elementos que precisam ser considerados. No que se refere a desmontagem dos textos, popularizada como unitarização, argumenta em torno de avaliarmos nuances como leitura e significação, corpus e a pertinência do envolvimento e impregnação do pesquisador. Quando aborda sobre o estabelecimento das relações, ou seja, a categorização, enfatiza aspectos como as propriedades das categorias, a relação entre categorias e teorias e a elaboração de argumentos. No momento em que assume o diálogo acerca da captação do novo emergente, o metatexto, esboça argumentos concernentes a descrição e interpretação, a relação entre compreensão e teorização, além da nuance da validade. Ao final, apresenta elementos que constituem um exercício de argumentação em torno do processo auto-organizado, definindo-o como um princípio que ancora a pesquisa de natureza qualitativa, em especial, quando parte do movimento de desconstrução rumo a reorganização, catalisado pelas compreensões emergentes.

Neste momento, sem intenção de discordar dos argumentos e análise estabelecida por Sousa (2020), ousa-se propor que o esboço da ATD pode estar vinculado a um interstício temporal mais alargado. Ao analisarmos o artigo produzido por Roque Moraes, em 1999, intitulado de “Análise de Conteúdo”, no qual apresenta, detalhadamente, cinco nuances que estruturam essa proposta – i) preparação das informações; ii) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; iii) categorização ou classificação das unidades em categorias; iv) descrição, e; v) interpretação-, já esboça um distanciamento de algumas perspectivas mais tradicionais da mesma e expõe indicativos de uma outra maneira de trabalhar com a análise qualitativa de informações discursivas. Em um exercício de síntese argumentativa, ao final do texto, considerando o trabalho desenvolvido, comunica a seguinte reflexão:

Finalmente discutiu-se as possibilidades e variações desta análise. Identificou-se análises fundadas no conteúdo manifesto e fez-se uma comparação com propostas de estudo do

conteúdo latente das mensagens. Contrastou-se as possibilidades de análises dedutivas, verificatórias e objetivas com análises indutivas, construtivas e subjetivas. Procurou-se nesta discussão visualizar algumas das diferentes possibilidades que esta metodologia de análise oferece ao pesquisador (Moraes, 1999, p. 11).

No movimento de analisar, duas possibilidades da Análise do Conteúdo, a dedutiva-verificatória e a indutiva-construtiva, a partir do prisma da teoria, discorre que “na primeira a teoria precede à análise e serve de fundamento para ela. Na segunda a teoria emerge da análise, isto é, resulta como um dos produtos dela” (Moraes, 1999, p. 10). Diante dessas reflexões, e de tantas outras que nesse momento podem estar sendo suprimidas, esboça indícios de um movimento de transição rumo a outros horizontes de compreensão e desenvolvimento de pesquisas e análise de cunho qualitativo e textual. Considerando o percurso trilhado pode-se ainda argumentar que a realização de sua pesquisa de doutorado, concluída em 1991 com ênfase nos princípios da Fenomenologia, (Moraes & Gialazzi, 2019), também pode ser sinalizada como um movimento que catalisou sua forma de compreender a pesquisa qualitativa e por decorrência na proposição da ATD.

Ante o exposto, nesse momento, almeja-se esboçar um argumento em torno do alargamento do espectro de compreensão da/na ATD. Para tanto, anteriormente realizou-se um exercício de análise de alguns dos episódios que oportunizaram/catalisaram a proposição da referida metodologia. Elaborar uma proposta teórica e/ou metodológica não se delineia como tarefa pontual, que acontece por meio e durante um interstício temporal restrito. Um conjunto de fatores possibilitam seu desenvolvimento, dentre eles as vivências e experiências que constituem nosso cotidiano. Percorremos o mesmo caminho incontáveis vezes, passamos pela floresta sem nos afetar por ela. Até que em determinado momento, outras percepções afloram, experienciamos o itinerário e possibilidades outras, múltiplas e diversas, se desvelam, dentre elas a de que as coisas/pessoas/objetos/narrativas/metodologias podem ser mais do que as pessoas dizem sobre elas.

Como na metáfora da Fênix, proposta em um dos capítulos da obra base, a ATD se renova no movimento em que influencia e é influenciada pela metamorfose daqueles que se desafiam a trabalhar com ela. E essa ampliação de horizontes, não se vincula apenas aos modos de realizá-la, mas também as suas finalidades/intencionalidades. Afinal, por que não utilizar a mesma como uma potente proposta para promover os processos de ensino e aprendizagem? Desvela-se nesse processo a sua percepção enquanto uma metodologia de ensino, que se ancola na função epistêmica da escrita e na pesquisa enquanto princípio pedagógico. Como exposto pelos autores:

Fênix, a ave mitológica que sempre ressurge das cinzas, independente de sua idade, linguagens-discursos que constantemente se renovam, e para se renovarem requerem sua própria destruição, num sentido dialético de superação, de substituição das antigas teses por novas, mas sempre “mantendo as cinzas”, ou seja, recriando-se a partir do anteriormente existente (Moraes & Gialazzi, 2016, p. 236).

A ATD é a própria Fênix, metamorfoseando-se a partir das múltiplas experiências daqueles que vivenciam sua proposta e apostila de pesquisa e aprendizagem. No entanto, sem desconsiderar suas cinzas, sua essência e princípios que ancoram e inspiram o desenvolvimento do percurso, rumo a novas paisagens. Não apenas passando pela floresta,

mas vivenciando o percurso, percebendo a cada encontro novos elementos que constituem o fenômeno estudado.

Mas nesse momento retomemos o debate em torno das publicações concernentes a ATD. Para além da obra base, e dos aspectos referentes a sua gênese, destacam-se produções que tem potencializado a ampliação de horizontes daqueles que se desafiam a trabalhar com esta instigante proposta. Dentre o conjunto de publicações pode-se mencionar o livro “Aprendentes do Aprender”, publicado em 2021, no qual o desenho do componente curricular de ATD, ofertado na pós-graduação, pelos professores Roque e Maria é apresentado (Galiazzi et al., 2021). Sua organização está vinculada a professora Maria do Carmo Galiazzi, ao professor Maurivan Güntzel Ramos e Roque Moraes (in memoriam). Esta obra constitui-se por um conjunto de capítulos que alargam o espectro de discussão e compreensão teórico/prática da/na ATD, discorrendo sobre questões correlatas a pesquisa qualitativa e apresentando exercícios dos pós-graduandos, matriculados nessa turma, ao desenvolver as dimensões teórico/práticas que constituem a mesma, como a elaboração de metatextos. Nesse livro, para além da comunicação de uma sala de aula que intencionou abordar as nuances teórico/práticas da ATD, podemos vislumbrar indícios de sua potência enquanto uma metodologia de ensino. Nessa experiência, os professores e pós-graduandos incorporaram como temática para aprendizagem da ATD o “Aprender”, nesse ínterim, construíram metatextos a partir de diferentes perspectivas e teorias da aprendizagem. Esse exercício desvela a potência da ATD enquanto estratégia, ancorada na escrita e na pesquisa, para aprendizagem acerca de um fenômeno em estudo, que pode se materializar enquanto tema, conceito, teoria e tantas outras possibilidades.

Outra obra a ser mencionada, quando consideramos as possibilidades de enriquecimento das compreensões da/na ATD, é o livro intitulado “Análise Textual Discursiva: uma ampliação de horizontes”, organizado pelos professores Maria do Carmo Galiazzi e Robson Simplício de Sousa, publicado em 2022, (Galiazzi & Sousa, 2022). Neste material encontramos um conjunto de textos, mais especificamente nove capítulos, que ampliam e complexificam nossas compreensões concernentes a vinculação e ancoragem da ATD aos aportes teórico/metodológicos da Filosofia, em especial da/na Hermenêutica. Nesse percurso os autores discorrem acerca da aproximação/ancoragem da ATD aos princípios da Hermenêutica gadameriana; do processo de categorização e sua dimensão dialética, considerando três pares dialógicos, a objetividade e auto-organização, empírico e teórico e a palavra e o conceito; a dimensão da compreensão; a ênfase fenomenológica como princípio catalizador do desvelamento do fenômeno e de sua descrição; o entendimento do conceito de texto e discurso e; a metáfora.

Para além, dos livros supramencionados, vale ressaltar a coletânea de E-books² produzidos pelos cursistas do “ATD: teoria na prática”, que vem sendo ofertado pelos professores Valéria Marcelino e Arthur Rezende da Silva de maneira constante desde 2021. Até o presente momento cinco edições do livro, composto pelo conjunto de metatextos dos cursistas foram

² As diferentes edições dos E-books podem ser baixadas de maneira gratuita por meio do endereço: <https://linktr.ee/analisetextualdiscursiva>

publicados, sendo duas em 2022, uma em 2023, uma em 2024 e a mais recente em 2025, respectivamente denominados e publicados em: ATD: teoria na prática, 2022 (Silva & Marcelino, 2022a); ATD teoria na prática: ensaios orientados, 2022 (Silva & Marcelino, 2022b); ATD teoria na prática: mosaico de pesquisas atuariais, 2023 (Marcelino & Silva, 2023); Análise Textual Discursiva: teoria na prática — pesquisas autorais como uma tempestade de luz, 2024 (Marcelino & Silva, 2024) e; Análise Textual Discursiva: Teoria na prática – Um ciclo de compreensões e aprendizados (Silva & Marcelino, 2025).

Delineia-se como pertinente, no escopo de discussão das produções com foco na ATD, mencionar o Dossiê publicado na Revista de Pesquisa Qualitativa, no ano de 2020, intitulado “Análise Textual Discursiva: mosaico de metáforas”³, constituído por vinte artigos relativos a diversas temáticas, ênfases e possibilidades em torno do trabalho com a ATD. Em adição, incorporam-se ao conjunto de possibilidades do/no movimento de produções/publicações desta metodologia inúmeros artigos e investigações que não foram retratados nesse texto, mas que podem ser consultadas nos distintos repositórios que temos acesso.

Além do exposto, cabe destacar a presença da ATD enquanto temática e/ou curso de curta duração em diversos congressos de natureza científica. Desde aqueles com dimensão local, regional, nacional e internacional. Como exemplos, podemos mencionar o Encontros de Debates sobre o Ensino de Química (EDEQ); o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) e o Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa (SIPEQ). A esse conjunto acrescesse-se os inúmeros vídeos, disponibilizados em plataformas de vídeos, como o You Tube, que registram encontros de diálogo em torno da ATD. Muitos desses ofertados pela professora Maria do Carmo Galiazzzi.

Outra nuance que se pode mencionar, referente a consolidação da ATD como uma metodologia de análise de informações empíricas nas pesquisas qualitativas, se vincula a sua incorporação como componente curricular de distintos espaços de formação. Como exemplo, pode-se citar: i) o componente vinculado a pós-graduação, descrito por Galiazzzi et al. (2021); ii) o curso ofertado em oito turmas pelos professores Valéria Marcelino e Arthur Rezende da Silva e; iii) sua presença, de maneira explícita ou implícita, em distintos componentes curriculares de variados níveis, como graduação e pós-graduação, mestrado e doutorado.

Porém, apesar do considerável percurso de desenvolvimento e associação à distintas pesquisas, a ATD tem incorporado a metamorfose como um princípio fundante, permitindo-se transformar e não restringir-se a polarizações e/ou posições enrijecidas. Nesse sentido os autores argumentam que esta metodologia oportuniza a metamorfose do pesquisador, especialmente, a partir de algumas dimensões, tais como o tema investigado, as nuances metodológicas e paradigmáticas e a escrita em sua correlação com a pesquisa. Conforme argumento tecido:

Os múltiplos caminhos de uma Análise Textual Discursiva, caminhos fundamentados na auto-organização e emergência, propiciam múltiplas metamorfoses aos pesquisadores. Uma delas corresponde às transformações e rupturas relativas aos temas trabalhados,

³ O dossiê pode ser acessado por meio do seguinte link: <https://editora.sepq.org.br/rpq/issue/view/20>

possibilitando a emergência de novas categorias e teorias sobre os fenômenos investigados. Paralelamente ocorrem metamorfoses em relação às questões metodológicas e paradigmáticas. Envolver-se na Análise Textual Discursiva exige do pesquisador apropriar-se dos fundamentos de modos renovados de conhecer a ciência e seus modos de produzir conhecimentos, metamorfoses epistemológicas que o introduzem de forma radical em abordagens qualitativas de pesquisa. Juntamente com estas ocorrem metamorfoses em relação ao entendimento da escrita e sua função na pesquisa. Escrever passa a ser compreendido como processo de produção de novas verdades, novos entendimentos que implicam também a transformação do pesquisador (Moraes & Galiazzi, 2016, p. 214).

Nesse contexto a metamorfose não se restringe ao pesquisador, a própria metodologia é afetada no processo. Catalisada por essa premissa tem assumido diferentes frentes de trabalho e investigação, conduzida por diversos pesquisadores, em especial no cenário brasileiro, que tem investigado sua aproximação a softwares de análise (Andrade et al., 2021; Lorenzetti et al., 2021; Ariza-Ariza, 2021), a materiais empíricos diversos, a pilares teóricos distintos e a intencionalidades múltiplas (Sousa, 2021; Milli et al., 2021; Freitas, 2021; Zambam, 2021). Nesse sentido, nesse artigo, intenciona-se comunicar algumas reflexões em torno da relevância de nos concentrarmos na compreensão de suas dimensões teóricas, para além das práticas. Além do exposto, desvelam-se pistas em torno de sua potencialidade enquanto uma metodologia de ensino, que se ancora na pesquisa enquanto princípio educativo (Galiazzi et al., 2021), na escrita em sua função epistêmica (Moraes & Galiazzi, 2016) e como meio para incorporação de elementos da Hermenêutica em sala de aula (Galiazzi & Sousa, 2022).

Dimensões enfatizadas pelos próprios autores e por pesquisadores contemporâneos. Na obra base, Moraes e Galiazzi (2016) argumentam de maneira explícita acerca da convergência da ATD, e de sua influência, no que tange a apostar na escrita em sua função epistêmica. Os autores destinam um capítulo, exclusivamente, com essa finalidade, denominado de “Movimentando-se entre as faces de Jano: o comunicar e o aprender na produção escrita que acompanham a Análise Textual Discursiva”. Nesse texto, logo no primeiro parágrafo, apresentam a defesa “de que a produção escrita constitui-se, ao mesmo tempo, em aprendizagem e comunicação. Tal como Jano, essa produção tem duas faces: a do aprender e a do comunicar” (Moraes & Galiazzi, 2016, p. 115). Além disso, na apresentação do livro “Aprendentes do Aprender” os professores Maria do Carmo Galiazzi e Maurivan Güntzel Ramos argumentam que “a Análise Textual Discursiva surgiu inicialmente como metodologia de análise de textos de pesquisa, mas se funda na pesquisa como princípio educativo e científico” (Galiazzi et al., 2021, p. 11). No que se refere a aderência da ATD aos princípios da Hermenêutica Galiazzi e Souza elucidam que “a tarefa hermenêutica na ATD é ir além do que já se sabe sobre o fenômeno, aprender sobre ele, ampliando o horizonte interpretativo por meio das emergências teóricas, ou seja, na disposição de novas elaborações dialógicas” (2022, p. 34). Logo, considerando as pistas supramencionadas, a aprendizagem é uma intencionalidade na/da ATD. E essa aprendizagem se ancora em pilares como a pesquisa enquanto princípio pedagógico, a escrita em sua função epistêmica, que desvela nossos limites e devires, e a ampliação de horizontes de compreensão por meio do exercício de escuta atenta e reconhecimento do outro.

Para além do relatado, cabe destacar algo que, de maneira implícita, influenciou na proposição da ATD e tem sustentado o desenvolvimento de um Programa de Estudos e Pesquisa, que tenho conduzido, em torno de sua possível incorporação enquanto uma metodologia de ensino, o modo de ser professor de Roque Moraes, no qual exercer a profissão era mais do que uma dimensão em sua vida, na verdade era sua forma de ser-no-mundo. Nuance comentada por Galiazzi et al. (2020), orientandos do professor Roque, órfãos de sua presença, assim como muitos de nós. Nas suas palavras:

No processo de escrever esse texto, percebemos mais ainda que sempre foram características de nosso orientador a preocupação com seus alunos e o esmero e humildade em ensinar. Ser professor era seu modo de ser, e essa característica está muito presente na elaboração da ATD em sua perspectiva ontológica de transformação do pesquisador (Galiazzi et al., 2020, p. 635).

Ante o exposto, argumenta-se que o conjunto dessas vivências e experiências, da/na ATD, foram desvelando possibilidades outras no que tange ao desenvolvimento da pesquisa de natureza qualitativa, especialmente acerca da incorporação de aportes filosóficos como pilares teórico/metodológicos da/na mesma. Mas não restringiu-se a isso, possibilitou vislumbrar outras paisagens, catalisadas pela intencionalidade de integrar a pesquisa, a escrita e aspectos da Hermenêutica Filosófica em sala de aula. Ao percorrer o caminho da floresta rumo a casa da vovó, já realizado tantas outras vezes, outros elementos começaram a inquietar e potencializar a curiosidade de chapeuzinho. As flores, as árvores, os pequenos animais que cotidianamente habitavam aquele espaço, as cores e formatos que variavam mediante o passar do tempo, das estações e/ou a partir da incidência dos raios solares. Até mesmo a dúvida sobre a suposta maldade do lobo passa a ser contestada.

Se a narrativa de chapeuzinho vermelho pode comportar uma infinidade de variações, inclusive a de que o lobo não é mau, a pesquisa qualitativa e a ATD também podem. A curiosidade que impulsiona nosso percurso, nesse sentido, precisa mobilizar-se pela abertura às experiências, encontros e fenômenos com os quais nos desafiamos a trabalhar. Fazer pesquisa, ser professor/pesquisador, pode assumir outros matizes, incorporar outras lentes e intencionalidades. Para além de verificar e/ou comprovar teorias nos interessa o desafio da interpretação, da análise minuciosa dos sentidos e das tradições que constituem, influenciam e são influenciadas nesse fenômeno.

Diante dessa conjectura, nesse artigo a intencionalidade majorante e catalisadora se centrou em “compreender o contexto formativo do componente curricular de ATD em um programa de pós-graduação”. Como questão norteadora, assume-se uma pergunta com ênfase fenomenológica: “O que é isso que se mostra da/na ATD a partir das experiências vivenciadas por mestrandos de um programa de pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática?”. Nesse ínterim, na sequência o cenário deste componente será apresentado, no intento de contextualizar e potencializar o entendimento e análise crítica das ações desenvolvidas e das produções elaboradas.

O itinerário se faz no caminhar rumo a floresta: nuances metodológicas

Assumir que o caminho se faz no caminhar implica incorporar a abertura, a provisoriação e a incompletude como princípios que mobilizam o itinerário. Nesse sentido, pesquisar é escrever e escrever é contar uma história. Narrativa do percurso trilhado, das vivências experienciadas e das reflexões, aprendizagens e devires desvelados. Ao caminhar pela floresta chapeuzinho se depara com paisagens e personagens singulares, representações únicas, da experiência inerente a cada vez que realiza esse trajeto. Estar aberto a isso é estar livre para conhecer o tamanho da própria ignorância.

Diante dessas palavras preambulares, antes de avançar rumo a descrição do contexto em que as ações, aqui investigadas, foram desenvolvidas, um exercício de diálogo em torno dos entendimentos da pesquisa qualitativa que inspiraram esse texto será explicitado. Para tanto, em especial, o argumento e definição propostos por Moraes (2021) inspiraram o processo. Para o autor a pesquisa qualitativa pode ser compreendida como ciclos dialéticos e hermenêuticos que intencionam a superação de teses e teorias existentes por outras. Nesse percurso objetiva-se a reconstrução, das percepções do fenômeno em estudo, mobilizados por diferentes amplitudes, apresentando mudanças mais singelas, teóricas ou práticas, ou mais intensas de nível paradigmático. Essencialmente, na sua linha de defesa, a pesquisa potencializa a transformação do pesquisador, por meio da passagem do ser rumo ao novo ser. Movimento catalisado por sete elementos, dos quais pode-se mencionar: i) focalização do ser, ii) questionamento reconstrutivo do ser; iii) encontros teóricos e empíricos; iv) construção e explicitação de novos argumentos; v) validação dos argumentos; vi) comunicação destes argumentos e; vii) retorno ao ser, rumo ao novo ser. Nas suas palavras:

[...] a pesquisa científica qualitativa pode ser compreendida como um conjunto de ciclos dialéticos e hermenêuticos. Inicia-se no questionamento de um ser; movimenta-se no sentido da proposição de novas teses para o seu questionamento, indicando novas formas de expressá-lo no discurso, exigindo-se a fundamentação teórica e empírica das novas propostas, assim como sua validação junto a uma comunidade científica; os ciclos se concluem com a comunicação dos novos argumentos, representando novas formas de apresentação do ser questionado. O produto final representa o ser reconstruído, seja um conhecimento, uma prática ou outro aspecto focalizado (Moraes, 2021, p. 119).

Ainda no que se refere a pesquisa qualitativa, e suas intencionalidades, o autor propõe que a mesma considere duas dimensões, a formal e a política. A primeira contempla questões correlatas a rigorosidade e validação do processo metodológico, enquanto a segunda vincula-se a capacidade de intervenção no discurso. Essas dimensões, segundo o autor, atribuem qualidade a pesquisa desenvolvida, tornando as compreensões emergentes coerentes e potentes. Ante o exposto, esses foram princípios e inspirações para a investigação desenvolvida e comunicada nesse artigo. No que tange, especificamente, a qualidade formal, considerou-se elementos inerentes aos cuidados correlatos a explicitação das dimensões que contemplam a metodologia, como tipificação da pesquisa, descrição do contexto, ferramentas para constituição do material empírico e sua análise. Acerca da esfera política almeja-se problematizar compreensões cristalizadas concernentes a aplicação da ATD, do discurso posto, promovendo uma reflexão em torno da potência do estudo de suas dimensões teóricas e do desenvolvimento de um Programa de Estudos e Pesquisa que a concebe enquanto a coisa

a ser compreendida, oportunizando reflexões acerca de sua utilização enquanto metodologia de ensino, por exemplo.

Considerando a apresentação desses marcadores, tão relevantes, na intenção de ancorar as reflexões, problematizações e argumentos aqui comunicados, passemos a descrição do contexto em estudo. O componente curricular, que se configura como espaço/tempo de compreensão deste artigo, se vincula a um Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Matemática da região Centro-Oeste, intitulado de “Horizontes comprehensivos da/na Análise Textual Discursiva”, com a seguinte ementa:

Pressupostos teórico/metodológicos da pesquisa em Educação em Ciências e sua articulação para com a Análise Textual Discursiva. Os princípios orientadores fundantes da metodologia: Hermenêutica e Fenomenologia. Os processos de operacionalização da análise: unitarização, categorização e tessitura do metatexto. Experiências com essa metodologia em investigações com foco na Educação em Ciências (Plano de Ensino).

Nesse escopo os encontros desenvolvidos nesse espaço, no decorrer do segundo semestre de 2023, todas as sextas-feiras à noite, se orientaram a partir de Rodas de Formação, com inspiração no trabalho narrado por Calixto e Galiazzi (2017), Galiazzi et al. (2021) e Souza (2010). Como princípios orientadores, que perpassam o desenvolvimento do componente curricular supracitado, podem ser destacados: a leitura, a escrita e a análise crítica. Sendo as características centrais, dos referidos elementos, a função epistêmica da escrita e a dimensão da pesquisa enquanto princípio pedagógico (Marques, 2008; Galiazzi, 2011).

Os primeiros encontros assumiram a intencionalidade de investigar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca da ATD e suas possíveis articulações para com as pesquisas pretendidas. Nesse sentido, duas grandes provocações foram lançadas: i) O que é a ATD? e; ii) Como se faz ATD? Por meio das escritas concernentes a esses questionamentos desenvolvemos os movimentos preliminares de estudo, na intenção de assumir os conhecimentos genuínos dos estudantes como ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem. Essas compreensões foram lidas e debatidas em sala de aula, e compuseram uma das ferramentas avaliativas, o Portfólio.

Para além do exposto, três capítulos da obra base assumiram o foco de alguns de nossos encontros, respectivamente: i) capítulo 1 “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva”; ii) capítulo 4 “Movimentando-se entre as faces de Jano: o comunicar e o aprender na produção escrita que acompanham a Análise Textual Discursiva” e; iii) capítulo 6 “Análise Textual Discursiva: Análise de Conteúdo? Análise de Discurso?” (Moraes & Galiazzi, 2016). Como desafio, no processo de estudo, atribuiu-se a tarefa de desenvolver uma resenha crítica para cada um dos capítulos, sendo posteriormente debatidas e promotoras dos processos de ensino e aprendizagem dos encontros subsequentes e elementos de composição do Portfólio.

Cabe destacar que o Portfólio se configura como uma potente estratégia de avaliação, em especial, quando consideramos sua aderência a perspectivas formativas, que se ancoram na articulação entre teoria e prática; no desenvolvimento da reflexão; na escrita em sua função epistêmica e no desenvolvimento contínuo e recursivo de aprendizagens (Villas Boas, 2004; Sá-Chaves, 2005; Calixto & Marques de Oliveira, 2023). Para Ambrósio (2013, p. 24) o

Portfólio delineia-se como uma válida ferramenta de avaliação do processo de ensino e aprendizagem, permitindo “verificar dificuldades e agir em processo, no tempo da aprendizagem, ajudando ao estudante. Possibilita a compreensão tanto da complexidade como das dinâmicas inerentes ao crescimento do saber pessoal”.

No intento, de ampliar as compreensões os pós-graduandos também foram desafiados a assistir três vídeos da professora Maria do Carmo Galiazzzi, disponibilizados na plataforma de vídeos You Tube. Respectivamente: i) "Análise Textual Discursiva: entre a descrição e a compreensão⁴"; ii) "Análise Textual Discursiva: Das perguntas ao metatexto⁵" e; iii) "ATD: uma ampliação de horizontes da palavra ao conceito⁶". Conforme explicitado na ilustração na sequência:



Figura 2. Vídeos 1, 2 e 3 (elaborada pela autora).

Vale mencionar que o vídeo de número 1 foi publicado em 08 de maio de 2020 e no presente momento tem 13.582 visualizações, com duração de uma hora e dezoito minutos. O segundo, publicado em 11 de junho de 2020 apresenta o quantitativo de 7.162 visualizações e constitui-se por uma hora e vinte e oito minutos. O último vídeo, publicado em 21 de novembro de 2022, apresenta 346 visualizações e tempo de uma hora e quarenta e seis minutos. Os respectivos vídeos oportunizam aos que assistem um panorama em termos teórico/metodológicos da/na ATD, mas não se restringem a essa nuance pois abordam atualizações do pensamento da autora, e da teoria, dimensões práticas, incluindo a utilização de softwares, e devires.

Como proposta de atividade, cada pós-graduando deveria assistir aos vídeos e selecionar/transcrever falas que potencializassem a compreensão da metodologia, gerando unidades de significado. Para cada vídeo, um mínimo de 15 unidades deveria ser selecionado e organizado pelo seguinte sistema de codificação: V1part.T ou V1pal.T. Sendo que "V1" representaria o número do vídeo, "part." indica o participante presente no vídeo, "pal."

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/live/MPl94LmzSQY?si=w1bqSyReAxYtOSOg> Acesso em: 04 set. 2024.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/live/fmYQubabEME?si=St4ZHQAoVuO8oP25> Acesso em: 04 set. 2024.

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/live/OZ8SZ5COTRY?si=P2pDOIFAvogoIcOm> Acesso em: 04 set. 2024.

refere-se ao palestrante e "T" indica o tempo do vídeo. Por exemplo, o seguinte código V1.Pal.T.16:15 retrata a unidade selecionada do vídeo 1, fala da palestrante, no tempo de 16 minutos e 15 segundos.

Após fragmentar os vídeos e constituir as unidades de significado, de três a cinco palavras-chave deveriam ser elaboradas, assim como um título correspondente. Todo esse processo foi organizado no Excel, sendo que na primeira coluna foram inseridos os códigos, na segunda as unidades de significado, na terceira as palavras-chave e na quarta os títulos. Como etapa final, um argumento aglutinador, referente ao processo de análise/percepção dos três vídeos, deveria ser estruturado. Sendo que nesse processo, os pós-graduandos, teriam de considerar os entendimentos construídos por meio das unidades selecionadas.

Com a conclusão dessa tarefa a docente responsável selecionou os argumentos entregues e organizou um material textual, no qual estes argumentos eram apresentados e resguardados por meio de um código. Sendo assim, para cada argumento foi estabelecida a letra P, de pós-graduando, acrescida de um numeral, que se referia ao mestrando, autor do argumento. Nesse ínterim, o seguinte código P3, refere-se ao argumento do Pós-graduando 3. No total havia dez alunos matriculados, alguns entregaram as tarefas no prazo, outros não. Diante desse contexto, obteve-se seis argumentos.

Esse material textual, constituído por seis argumentos, identificados com o código descrito acima, foi distribuído e deveria ser analisado pelos pós-graduandos mediante os aportes teórico/metodológicos da ATD. Ou seja, constituiu-se como material empírico a ser investigado pela turma no intento de aprender as dimensões práticas da ATD, sua operacionalização. Conforme expresso na Figura 3, na sequência:

Código	Argumento
P1	As raízes da análise textual discursiva estão na análise de conteúdo de 1987 do livro do Bardin, mas pode ser diferenciada da seguinte maneira: a ATD não é somente um conjunto de técnicas, ela tem no seu movimento um conjunto, conjunto este que aborda questões e respostas do tipo: O que é um fenômeno? Para a ATD o fenômeno é o que se mostra a consciência do pesquisador como resultado de uma interrogação. Ou também respondido como "o que se mostra ao pesquisador que tem a intenção de melhor compreender aquele fenômeno. A análise textual discursiva pode ser caracterizada como um processo recursivo, pois está lá na ATD a ideia de que é uma abordagem fenomenológica e hermenêutica. Está na fenomenologia esta ideia de conseguirmos retirar pela redução o que é essencial daquele fenômeno. A redução é a retirada do corpus, unidades de significado de acordo com a minha pergunta, embora a pergunta não seja algo fixo. Após essa retirar posso então dar início a classificação. Dentre elas há a classificação por sentidos, é o tipo de classificação que se aproxima e que se diferencia nesse sentido, e essa aproximação pode levar a categorização. Sempre que falamos em ATD surge questões do tipo: qual a diferença de ATD para A.C? esta pode ser respondida do seguinte modo. As diferenças são mais do modo de olhar a pesquisa do que o procedimento. A ATD faz inferências com relação a maneira de executar essa metodologia de análise de dados, inferências das quais pode-se mencionar por exemplo é a de que... "se eu vou para um, a pesquisa sabendo ou querendo encontrar o que é certo ou errado, eu diria que estou me afastando da análise textual discursiva". A intenção principal da ATD é compreender como os fenômenos se apresentam, pois para os fenômenos tem se a ideia de que eles se apresentam já que eles se mostram pra nós e não nós que olhamos.

Figura 3. Modelo da Planilha de argumentos elaborados por meio dos três vídeos (acervo do componente curricular).

Diante disso, os mestrandos foram desafiados a unitarizar, categorizar e estruturar metatextos a partir dos argumentos desenvolvidos mediante a análise dos vídeos selecionados, de maneira individual ou em dupla. O metatexto elaborado se configurou como

trabalho final do componente curricular, que assumiu o template do “I Colóquio de Pesquisa em Educação em Ciências Fenomenológica e Hermenêutica”⁷, realizado em 2024, de maneira virtual, promovido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), setor Palotina, catalisado pelo Grupo de Pesquisa JANO: Filosofia e História na Educação em Ciências – UFPR⁸ e apoiado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Cultura da Sustentabilidade (GPEACS)⁹ – UFPR; Grupo de Estudos e Pesquisa Horizontes Compreensivos na Educação em Ciências e Química (GEPHCECQ)¹⁰ – UFGD; Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências Naturais (GPECieN)¹¹ – UFFS; Comunidades Aprendentes em Educação Ambiental, Ciências e Matemática (CEAMECIM)¹² – FURG e; Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Teatro – GEPETO¹³. – UFTM. A extensão do texto, ou seja, o trabalho final do componente curricular aqui investigado, deveria ter um mínimo de 10 e máximo de 12 páginas, conforme determinado no template do evento supramencionado, e estruturar-se a partir da análise do material empírico constituído, os seis argumentos. Foram entregues, ao final das atividades, seis textos. Sendo quatro produzidos em dupla e dois individualmente. E são essas produções que constituem o material empírico analisado neste artigo. Cabe ressaltar que os pós-graduandos disponibilizaram os textos para análises posteriores por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Por meio da imersão nos textos elaborados pelos pós-graduandos intencionou-se compreender, a partir de seus entendimentos, o que se mostra da/na ATD. Da leitura e análise dos seis textos, mediante os pressupostos teórico/metodológicos da ATD (Moraes & Galiazzi, 2016), emergiram 86 unidades de significado – vinculadas ao processo de unitarização, 14 categorias iniciais, 3 categorias intermediárias e uma categoria final – correlatas ao movimento de categorização. Para cada texto foi atribuído um código, constituído pela letra T acrescida de um numeral, um ponto e outro numeral. Por exemplo, no código T1.3, aborda-se o Texto 1 em sua terceira unidade de significado. O processo de categorização pode ser observado no Quadro 1.

Na próxima seção deste artigo, a primeira dimensão do metatexto, proveniente da categoria final intitulada “O que se mostra da/na nossa (ces)sexta: aprendentes da/na ATD”, assumirá o foco das discussões, na intencionalidade de explicitar as vivências e experiências desenvolvidas no percurso do componente curricular supramencionado. Vale destacar que esse exercício de comunicação, operacionalizado no metatexto, se estrutura por meio do processo de categorização expresso no Quadro 1. Nesse ínterim, considera-se a categoria final como o título do mesmo e seu argumento aglutinador à guisa de conclusão. Da mesma forma, as categorias intermediárias constituem-se como delimitações de níveis de compreensão do fenômeno e se organizam por meio das categoriais iniciais que as compõe. Ainda, nesse processo, incorporam-se, nos locais de origem, as unidades de significado mais

⁷ Disponível em: <https://coloquioedcienciasfenherm.wordpress.com/2023/11/02/informacoes/> Acesso em: 04 set. 2024.

⁸ Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/622966> Acesso em: 04 set. 2024.

⁹ Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/793347> Acesso em: 04 set. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/641067> Acesso em: 04 set. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/42302> Acesso em: 04 set. 2024.

¹² Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9592> Acesso em: 04 set. 2024.

¹³ Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/538918> Acesso em: 04 set. 2024.

representativas, os argumentos parciais, as interpretações da pesquisadora e a ancoragem teórica emergente. No entanto, considerando a sua extensão, nesse momento, optou-se por apresentar a primeira categoria intermediária, denominada de “Na base da cesta: os aportes teóricos da ATD”, suas respectivas categorias iniciais, argumentos e unidades mais representativas.

Quadro 1. Processo de categorização do material empírico (elaborado pela autora)

Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias	Categoria Final
A - Na base da cesta tem fenomenologia e hermenêutica (14 US)		
D - A metáfora como uma forma de narrar a compreensão (6 US)	Categoria Intermediária 1 – Na base da cesta: os aportes teóricos da ATD [A (14) + D (6) + G (7) + K (12) = 39]	
G - Uma postura filosófica: não julgar (7 US)		
K - O fenômeno como meu reflexo ou eu sou o reflexo do fenômeno (12 US)		
B - Nossa sala de aula: entre intencionalidades e organização (4 US)		
H - Demarcações históricas para além das comparações: ATD, AC e AD (6 US)	Categoria Intermediária 2 – Tem ATD na nossa sexta: marcadores da nossa sala de aula [B (4) + H (6) + I (2) + L (1) + N (7) = 20]	Categoria Final - [categoria intermediária 1 (39) + categoria intermediária 2 (20) + categoria intermediária 3 (27) = 86] O que se mostra da/na nossa (ces)sexta: aprendentes da/na ATD
I - Ampliar horizontes é perceber além do explícito (2 US)		
L – A escuta do texto como uma postura na/da ATD (1 US)		
N – A arte de interpretar na ATD (7 US)		
C - O tempero da subjetividade e da teoria (6 US)		
E - Pesquisar é escrever, e escrever potencializa a leitura (7 US)	Categoria Intermediária 3 – Os temperos da (ces)sexta: percepções construídas [C (6) + E (7) + F (6) + J (5) + M (3) = 27]	
F - O metatexto e seu potencial como elemento estruturante do conto (6 US)		
J - Um passo à frente, dois atras, avanço mais três e sigo o caminho: a reconstrução como combustível (5 US)		
M – Duvidar de nossas certezas, um tempero da/na ATD (3 US)		

O que se mostra da/na nossa (ces)sexta: aprendentes da/na ATD

A narrativa referente ao conto de chapeuzinho vermelho, remonta dos escritos de Charles Perrault, em obra publicada em 1697 intitulada de “Le Petit Chaperon Rouge”. Posteriormente, em 1857, os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, consagrados por publicizar inúmeras fábulas, reeditaram a história que envolvia uma menina com capuz vermelho, sua vovó, um lobo e o caçador, intitulando-a como “Little Red Cap”. No âmago dessa fábula emergem algumas mensagens, dentre elas pode-se mencionar: i) a categorização do lobo como criatura má; ii) a curiosidade de chapeuzinho como algo ruim; iii) a adjetivação, à personagem do caçador, como salvadora e; iv) o cenário da casa da vovozinha como sinônimo de conclusão do percurso. Diante dessa conjectura, nesse texto intenciona-se, para além de

(re)pensar algumas dessas nuances, diversificar a percepção da ATD, atrelada, exclusivamente, como uma metodologia de análise de informações empíricas em investigações de natureza qualitativa. Se nem todo lobo é mau, ser curiosa não é algo ruim, nem sempre o caçador é bom e a chegada é apenas uma parada, a ATD não pode ser engessada e/ou enquadrada, apenas, como uma metodologia de análise de informações discursivas da/na pesquisa. Nesse ínterim, argumenta-se em torno da relevância de adensarmos os estudos e pesquisas em torno de suas dimensões teóricas, sua operacionalização.

Mobilizada por essa percepção, por meio desse metatexto, intento compartilhar algumas das aprendizagens, aventuras e desventuras trilhadas no percurso do componente curricular de ATD no PPGECMat/UFGD, em que nos reuníamos todas as sextas-feiras a noite, durante o segundo semestre de 2023. Ante o exposto, esse texto, primeira dimensão de um metatexto¹⁴ mais amplo, se estrutura por uma das três categorias intermediárias emergentes da/na análise, respectivamente intitulada de “Na base da cesta: os aportes teóricos da ATD”. Na sequência, a tessitura desse exercício de comunicação, alicerçado pela primeira categoria intermediária e preenchida pelas categorias iniciais que a compõe, assim como as respectivas unidades de significado, mais representativas, os argumentos interpretativos e as zonas de ancoragem teórica, serão apresentadas.

Na base da cesta: os aportes teóricos da ATD

Esta categoria intermediária se constitui por quatro categorias iniciais, que podem ser compreendidas como fios que alicerçam a trama da base da cesta, destas posso mencionar: A, intitulada de “Na base da cesta tem fenomenologia e hermenêutica”, com 14 unidades de significado; D, denominada de “A metáfora como uma forma de narrar a compreensão”, com 6 unidades de significado; G “Uma postura filosófica: não julgar”, composta por 7 unidades, e; K “O fenômeno como meu reflexo ou eu sou o reflexo do fenômeno” com 12 unidades, totalizando 39 unidades de significado.

Na categoria inicial A, “Na base da cesta tem fenomenologia e hermenêutica”, emergem distintas abordagens acerca da ATD, especialmente, quando consideramos os pilares que sustentam e influenciam na sua condução. Entre os elementos levantados pelos pós-graduandos, no decorrer dos textos finais, na intenção de contemplar suas dimensões de ancoragem, destacam-se: exercícios de definição, retratados em quatro unidades (T1.21, T2.9, T2.11 e T6.11); compreender a ATD envolve estudar a Hermenêutica e a Fenomenologia (T1.1; T1.7; T1.9; T1.12; T1.13; T3.4; T4.6; T5.9 e T6.8) e; a postura filosófica como promotora de atitudes e habilidades singulares no fazer pesquisa (T4.10). Vale ressaltar que a abordagem

¹⁴ Cabe destacar que a compreensão de metatexto que me inspira se organiza a partir do entendimento de que a categoria final gera o metatexto, que por sequência subdivide-se por meio das categorias intermediárias, as categorias iniciais que compõe as mesmas, suas unidades de significado mais representativas, os argumentos parciais e aglutinadores e os movimentos de ancoragem teórica. Entretanto, o espaço tempo do artigo não se delineou como viável para apresentação do metatexto em sua amplitude global, ou seja, comportando as três dimensões, oriundas das três categorias intermediárias do processo de categorização, retratado no Quadro 1. Para saber mais sobre as possibilidades de organização do metatexto consultar Calixto (2020). Porém, considerando o princípio hologramático da ATD, que pressupõe que as partes estão contidas no todo ao mesmo tempo que o todo está presente nas partes, entende-se que apresentar a primeira dimensão do metatexto oportuniza uma compreensão do processo.

dessas dimensões, e das demais que estruturam o processo de categorização, que assumem como foco a ATD se deve ao fato de que nossa temática de aprendizagem para aprender as dimensões teórico/metodológicas da/na ATD foi ela própria, ou seja, nosso fenômeno a ser compreendido.

Entre os fios que estruturam a base da cesta, destaca-se aquele que assume a intenção de apresentar demarcações, catalisado por um exercício de definição. Diante dessa pretensão, afloram debates em torno da acepção de método e metodologia, conforme exposto por T2. Nas suas palavras: “Embora seja uma **metodologia**, a ATD tem uma parte que segue um **método**: a unitarização, a categorização, a construção do metatexto. A pergunta de pesquisa orienta a unitarização do corpus, em seguida aproximam-se os sentidos dessas unidades para formar as categorias. [...]” (T2.11, grifos meus).

Ao assumir o desafio de comunicar seus entendimentos, a pós-graduanda em seu texto final, expõe uma interpretação e debate em torno da aproximação da ATD às categorias de metodologia e método na pesquisa científica. Avaliar essa relação e/ou vinculação a uma dimensão e/ou outra pode assumir uma natureza potente no processo de aprendizagem. Analisar o que se configura como metodologia e método de maneira articulada à acepção de ATD pode potencializar a percepção para além de sua tipificação/enquadramento, rumo a compreensão das posturas atreladas aos seus modos de ser e fazer na pesquisa qualitativa.

Ao consultar o dicionário¹⁵, no que se refere a palavra metodologia, emergem duas dimensões de significação, a primeira relacionada ao campo da lógica que se ocupa do estudo dos métodos nas distintas ciências; e a segunda inerente ao conjunto de regras e demandas concernentes ao fazer pesquisa, o método. A investigação da conceituação da palavra método aflora duas possibilidades em termos de definição, a primeira centrada na ideia de procedimento, técnica ou meio para fazer algo, a partir de um planejamento; e a segunda concernente a organização, lógica e sistemática de uma investigação. Da avaliação das zonas que estruturam e constituem a significação destas palavras desvela-se o entendimento de que metodologia engloba um conjunto de métodos, ou seja, em termos de hierarquia apresenta uma amplitude mais elevada.

A esse respeito Marconi e Lakatos (2022, p. 79), especificamente acerca do conceito de método, delimitam-no como o “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo e produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. No que tange a metodologia, as autoras discorrem que engloba um exercício de responder questões relacionadas ao como, com que e quanto, que encontram solo fértil para sua abordagem em dimensões vinculadas aos métodos de abordagem, de procedimento, técnicas de pesquisa, delimitação do universo e tipo de amostragem. Desse exercício, da palavra ao conceito, interpreta-se a metodologia como dimensão mais complexa do que o método.

¹⁵ DICIO. Dicionário Online de Português. 2009 –2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 19 set. 2024.

Ainda nesse campo de discussão e problematização, especificamente acerca dos conceitos de metodologia e método, Bicudo (2011, p. 11, grifos da autora) argumenta:

Toda investigação solicita que se fique atento às concepções concernentes à realidade do investigado, abrindo campo para a compreensão do solo em que os procedimentos, aventados para consecução da pesquisa, serão desdobrados. Esse é um cuidado prévio, a ser assumido pelo investigador, no momento em que vai em direção à explicitação dos procedimentos de investigação. A consonância entre as dimensões ontológicas e epistemológicas “do quê” e “do como” se investiga o investigando confere um grau de confiança que transcende as análises apenas baseadas em cálculos e em explicações de procedimentos metodológicos, devidamente esclarecidos. É nessa trama tecida por tais considerações que o **lógos**, entendido como pensamento articulador que se doa à inteligibilidade, presente na palavra **metodologia**, evidencia-se, diferenciando-se de método.

Na trama do diálogo e problematização estabelecidos em torno das palavras/conceitos método e metodologia emerge uma paisagem de compreensão do fenômeno em estudo, a ATD. E nesse processo de adensamento das percepções, catalisado pela intenção de definir o que é a ATD, afloram conceitos que potencializam a sua interpretação. Nesse ínterim, avaliar como a ATD se vincula, aproxima e/ou distancia-se de palavras/conceitos como método e metodologia, enriquece o argumento aqui comunicado, que objetiva transcender polarizações, nesse prisma nem todo lobo é mau e a ATD não se limita a ser ou metodologia ou método, na verdade contempla matizes de ambos.

Mobilizados pela intenção de demarcar zonas de definição, os pós-graduandos que produziram T6, abordam em sua escrita um exercício em que para além de definirem a ATD, explicitam elementos que estruturam essa significação. Conforme exposto na unidade na sequência:

Nesse contexto, a ATD se fundamenta em uma **base filosófica** ao adotar a fenomenologia e a hermenêutica para a compreensão dos fenômenos emergentes durante a pesquisa. A essência na **descrição** representa uma das características fundamentais dessa metodologia, porém deve-se manter uma **imparcialidade** em relação a esses fenômenos. A ênfase dada ao papel do pesquisador na ATD, no processo da **autoformação**, por conta da incessante leitura e interpretação do material empírico, consequentemente, acarretando uma notável melhora da sua **escrita**. Característica essa, importante para o pesquisador, é um dos aspectos que a diferencia de outras abordagens metodológicas (T6.11, grifos meus).

Ao indicarem elementos que alicerçam a tramatura de uma possível acepção da ATD os pós-graduandos enfatizam dimensões como a influência da Filosofia, a ênfase na descrição a partir de um prisma de análise que transcende o julgamento ou parcialidade e a apostila na autoformação por meio da escrita. Nuances que integram os argumentos convergentes de distintos autores, como Galiazzi e Sousa (2022), Sousa (2020), Gonçalves (2020b), Calixto (2020, 2022) e Calixto et al. (2024).

Considerando os elementos destacados como catalisadores do desenvolvimento de uma paisagem interpretativa da/na ATD, entende-se como pertinente analisar cada um a partir de autores que tem incorporado esse desafio em suas ações. No que se refere ao exercício de compreensão dos matizes Filosóficos da/na ATD destacam-se os estudos de Sousa (2016), organizados de maneira potente na obra de Galiazzi e Sousa (2022). Os autores têm defendido a tese em torno da aproximação/vinculação da ATD para com os pressupostos e

princípios da Hermenêutica Filosófica, especialmente, assentando seus argumentos na teoria gadameriana. Em um dos distintos estudos conduzidos argumentam:

A partir da compreensão do que se mostra na Análise Textual Discursiva, temos a vinculação desta metodologia de análise à hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer como um afastamento da perspectiva metodológica positivista. Esta vinculação desemboca no exercício de reconhecimento dos sujeitos imbricados na investigação do fenômeno, que, assim como o pesquisador, não são alheios ao que se busca compreender, mas estão envolvidos pelo caráter ontológico daquilo que se investiga. O movimento de investigação que se mostra é traçado por círculos e espirais que o pesquisador não consegue negar à medida que caminha rumo a horizontes comprehensivos inesperados, nos quais as teorias emergentes são os suportes para a ampliação de suas pré-compreensões (Galiazzi & Sousa, 2022, p. 33).

Em seus estudos os autores têm esboçado um horizonte comprehensivo alicerçado por meio de argumentos em torno da vinculação da ATD ao campo da Filosofia, mais especificamente, aos pilares da Fenomenologia e da Hermenêutica ancorados por potentes autores desse campo, como Bicudo (2011), Gadamer (2015), Gondrin (2012) e Hermann (2002). Da trama interpretativa e argumentativa proposta algumas defesas se destacam, dentre elas a valorização do sujeito, a superação da separação entre sujeito e objeto, a compreensão de que acessamos a realidade por meio da linguagem e a constatação de que a essência dos fenômenos dificilmente será atingida, pois se relaciona a capacidade de percepção dos seus sentidos pelo sujeito. Além disso, Galiazzi e Sousa (2022), argumentam em torno da compreensão de que a ATD não se situa entre os extremos de metodologias como a Análise de Conteúdo e de Discurso, mas configura-se como outra coisa, para além do estabelecimento de um ponto arquimédico entre as metodologias supracitadas.

No que se refere a sua aposta na escrita como potência na compreensão do fenômeno em estudo e na constituição do pesquisador, desenvolvendo sua autoria, criatividade e sensibilidade, para além do exposto na obra base, Moraes e Galiazzi (2016), destacam-se os argumentos tecidos por Sousa (2020), Calixto (2020, 2022) e Calixto et al. (2024). Especificamente Calixto et al. (2024, p. 33), ao discorrerem acerca dos processos que constituem a ATD, em especial a escrita do metatexto, argumentam em torno da relevância que este:

[...] assume no processo de desenvolvimento da ATD, o mesmo delineia-se como momento de culminância, retratando o horizonte interpretativo, do pesquisador, para como o fenômeno investigado. Nesse processo oportuniza ao pesquisador, para além da apropriação de uma metodologia de análise de informações discursivas e dos pressupostos teórico/metodológicos que a ancoram e da pesquisa qualitativa, o desenvolvimento da autoria, da criticidade e criatividade. Na amálgama dessas vivências e experiências potencializam-se as condições de possibilidade para sua transformação, em diferentes níveis, dimensões e configurações. A metamorfose da lagarta encontra ambiente fértil para ocorrer, porém precisamos nos permitir viver o processo e aceitar a constante certeza da incompletude e vislumbrar na possibilidade constante de alargamento de horizontes o catalisador de nossas ações.

Nessa trama argumentativa esboça-se uma paisagem em que a ATD se inspira nos princípios da Fenomenologia e da Hermenêutica, assumindo a aposta na escrita e na perspectiva

ontológica como pilares que sustentam suas intencionalidades, que almejam potencializar o processo de vir a ser, em especial, do pesquisador iniciante. Nesse entremeio, a constituição desse sujeito se potencializa mediante a aprendizagem por meio da escrita e do aflorar de sua criatividade e sensibilidade.

Aglutina-se a trama de fios, que alicerçam a base da cesta, a compreensão de que assumir a ATD como uma lente para analisar e mediar nossa interação com o mundo demanda estudar seus pilares, especialmente, a Hermenêutica e a Fenomenologia. Aspectos enfatizados em T1:

De modo geral, a ATD reconhece que o **fenômeno** pode **não** estar imediatamente **visível** ao pesquisador, ele emerge conforme é **tomada consciência** na intenção de compreender. Para concluir, a prática dessa metodologia permite a busca aprofundada na **hermenêutica e fenomenologia**, tendo como objetivo principal a compreensão do fenômeno estudado que emerge conforme o pesquisador toma consciência sobre ele (T1.12, grifos meus).

Entretanto, cabe salientar que o processo de tomada de consciência do/no fenômeno demanda imersão, que por certos instantes pode despertar a sensação de caos, que será reordenado por meio de intenso exercício de debruçar-se nas palavras que emergem como insights em forma de flashes de luz. Nesse movimento, na medida em que tencionamos ampliar nossas aprendizagens, potencializadas pela ATD, intensifica-se a defesa em torno da demanda pela apropriação dos princípios que a estruturam, a Fenomenologia e a Hermenêutica, assim como as posturas demandadas e desenvolvidas. Dimensão contemplada na unidade de T3, especificamente quando argumenta que:

Compreender a fenomenologia e a hermenêutica são exercícios necessários quando se intenciona desenvolver um movimento de **aprendizagem** acerca **da/na ATD**. Ao olhar para o fenômeno, a busca em interpretá-lo de forma criteriosa e com rigor, ampliamos a compreensão do mesmo nas hipóteses da investigação. Neste processo, o corpus, material empírico, é desconstruído e fragmentado, priorizando o **essencial** do **fenômeno** (T3.4, grifos meus).

Elencar prioridades não se delineia como tarefa de baixa complexidade, almejar atingir a essência ou estar próximo dela, demanda um exercício árduo de análise e justificação. Ante essa conjectura, fragmentar o todo ensejando selecionar e reorganizar elementos que oportunizem a sua compreensão, a partir de um prisma diferente, oportuniza o desvelar de um conjunto diverso de aprendizagens, dentre elas aquelas correlatas a outras paisagens do fazer pesquisa qualitativa. Entre as peças que alicerçam a defesa em torno de nos apropriarmos dos pilares da ATD, Fenomenologia e Hermenêutica, os pós-graduandos enfatizam a relevância do desenvolvimento de uma atitude cuidadosa com a categorização rumo ao percurso da palavra ao conceito como meio para interpretação do fenômeno. Conforme exposto por T6.8:

Essa metodologia se destaca pelo seu processo construtivo centrado no texto e na categorização. Ao realizar a análise, os pesquisadores da ATD buscam **compreender** não apenas o que as palavras explicitamente dizem, mas também os significados mais profundos e os conceitos que emergem desse discurso. A fusão entre **palavra** e **conceito**, mediada pelo processo de categorização, permite uma compreensão mais rica e aprofundada dos fenômenos discursivos analisados pela metodologia. Dessa forma, a ATD se caracteriza não apenas pelo seu cuidado com a categorização, mas também pela atenção dedicada à relação

entre palavras e conceitos, enriquecendo a compreensão dos sentidos presentes nos **fenômenos discursivos** analisados (T6.8, grifos meus).

Esse processo de “inquietamento” com as palavras, que ao serem analisadas minuciosamente passam a ser percebidas como conceitos, enriquece e diversifica o repertório do pesquisador e potencializa a interpretação do fenômeno. Explicita-se nesse momento, o movimento entre a palavra e o conceito, característica pujante das nuances Fenomenológicas e Hermenêuticas, fio estruturante da base da/na cesta da ATD e dimensão potente para catálise da compreensão das mesmas. Ante o exposto, nesse ponto, parece pertinente operacionalizar uma espécie de interlúdio teórico – o tramar dos fios da base da cesta aqui apresentados -, no intento de organizar e adensar a percepção das nuances expressas aqui.

Rohden (2012), ao desenvolver um movimento de problematização, sistematização e compreensão no que se refere ao filosofar como exercício que articula Fenomenologia e Hermenêutica, segundo a perspectiva de Platão em associação com a proposta da teoria gadameriana, explícita um conjunto de componentes, definições e reflexões em torno da dialética, em especial, a partir de suas duas faces, a ascendente e a descendente. Nesse processo adensa o debate em torno da face ascendente, ou inteligível-metafísica, que se constitui por cinco elementos – nome, definição, visão, sensações e o objeto, a coisa mesma. Tais elementos, ou momentos, configuram o itinerário da palavra ao conceito, desafio estruturante da jornada que envolve apropriar-se da/na ATD e de suas dimensões constituintes.

Mas o que significa desenvolver um movimento ascendente, da palavra ao conceito? Rohden, ao analisar textos de Platão, e ancorar sua análise a partir dos construtos teóricos de Gadamer, discorre que atribuir o nome, a experiência/objeto, descrevê-lo, atribuir uma imagem/representação, identificar o conhecimento que se tem sobre ele e o objeto/experiência em si, configuram-se como exercícios constituintes e catalisadores dos cinco elementos supramencionados (*Ibidem*). Nesse ínterim, na ATD, partimos em nossa jornada catalisados pela intencionalidade de perceber pistas/palavras que representam os sentidos que atribuímos ao fenômeno, em investigação, rumo a sua descrição, representação, conceituação e aproximação para com a experiência, o objeto/a coisa em si mesma.

Entretanto, cabe destacar, com base nas discussões de Rohden (2012), que os quatro elementos iniciais – nome, definição, visão e sensações – englobam um conjunto discursivo, portanto falível; apresentam caráter finito e temporal, visto que dependendo da apreensão das etapas preliminares pode gerar uma leitura equivocada da coisa, ou ciência não apropriada a ela; todo e qualquer conhecimento humano é datado, logo relativo, e; contemplam a qualidade das coisas, não na sua essência. Diante dessa conjectura, na ATD, partimos das palavras, que constituem nosso fenômeno, rumo ao conceito que potencializa sua interpretação. Porém, considera-se inevitável, a constatação de que não atingiremos sua verdadeira, única e infalível compreensão.

Após esse breve interlúdio, momento de adensamento de compreensões concernentes a perspectiva Fenomenológica e Hermenêutica da/na ATD, especialmente, acerca do itinerário da palavra ao conceito, retornemos ao diálogo mais próximo das percepções dos pós-graduandos. Soma-se aos fios propostos o entendimento de que por meio da ATD assume-se

uma postura filosófica, que se configura como promotora de atitudes e habilidades singulares no fazer pesquisa de natureza qualitativa. Ênfase mobilizadora do argumento proposto por T4:

Frente ao discorrido e apresentado, compreendemos a ATD como metodologia baseada na fenomenologia e hermenêutica da pesquisa qualitativa nos permite explorar as novas compreensões dos fenômenos por meio das intencionalidades do pesquisador, uma **odisseia filosófica** que utiliza além dos processos metódicos para organizar uma nova concepção, compreensão que emerge por meio da organização que nomeamos de metatexto. Para uma **concepção nova**, rica e autêntica do fenômeno, necessita tocar a **humildade** para deixarmos de lado as concepções já construídas para entendimento do corpus (T4.10, grifos meus).

Diante desse contexto, a odisseia filosófica da/na ATD potencializa a compreensão do fenômeno, o desvelamento das intencionalidades do pesquisador e o desenvolvimento da humildade epistêmica. Em especial, quando consideramos a dimensão correlata a humildade epistêmica, podemos recorrer ao conto que narra o encontro de Sócrates e o Oráculo. No qual em diálogo Sócrates questiona ao Oráculo – se ele realmente era sábio, como comentado pelo povo. Em resposta, Oráculo problematiza, mas afinal o que é ser sábio e pergunta a Sócrates se ele se comprehende como sábio. Sócrates reorganiza seu movimento dialógico e argumenta que só sabe o quanto não sabe. E por meio dessa resposta Oráculo responde – então, realmente é sábio, pois é aquele que tem percepção do tamanho da tua ignorância (Aranha & Martins, 2009). Assumir uma postura que não negligencia o tamanho das nossas limitações torna fértil o solo para aprendizagem. Nesse escopo, compreender e aprender com a ATD oportuniza um desvelar de possibilidades outrora inimagináveis, dentre elas aumentar a saturação das nossas intencionalidades e aceitar, sem imobilizar-se, nossas ignorâncias.

Em síntese, sem intenção de encerrar, mas culminar um processo que prossegue, apropriar-se da ATD envolve embarcar em um exercício de aprendizagem e desvelamento de nossas incompreensões e limitações. Concebe um ampliar de horizontes que contempla estudar os pilares que sustentam seus modos de ser e estar na pesquisa. Envolve estudar, de maneira incessante as lentes que ancoram e potencializam nossas ações, posturas e interpretações, dentre elas alocam-se a Hermenêutica e a Fenomenologia.

Somando-se às compreensões expostas até aqui temos a categoria inicial D, denominada de “A metáfora como uma forma de narrar a compreensão”, centrada no debate em torno da metáfora na ATD. De maneira majorante, contempla discussões acerca da relação entre a metáfora e o desenvolvimento da criatividade (T2.5 e T2.12) e a metáfora como estratégia para comunicar o que se desvela do fenômeno (T1.4, T4.3, T4.4 e T5.11).

De maneira inicial, no exercício de compreender a trama que estrutura a base da cesta, afloram interpretações em torno da relação entre a elaboração de metáforas e o desenvolvimento da criatividade. Conforme narrado por T2:

A ATD parte de um questionamento com uma intencionalidade e passa então, a partir de um olhar e escuta atenta, a investigar o fenômeno a medida que ele se mostra. O pesquisador então vai buscar compreender, ressignificar e reconstruir esse fenômeno, tentando **afastar** o máximo possível de **preconceitos e crenças**, mas **reconhecendo** que ao mesmo tempo que faz isso também **produz** esse **fenômeno**, por isso o sujeito é altamente implicado nesse

processo, mas também sem tentar adivinhar o que o autor quis dizer, concentrando no que o texto realmente traz, reunindo palavras e seus significados mais profundos, e justamente mergulhar nos significados dessas palavras que descrevem esses fenômenos, estabelecendo os círculos hermenêuticos. A metodologia da ATD envolve tanto o ato de **escrever** o que se **percebe**, permitindo um gradual processo de construir **pontes** entre o que já se **sabe** e o que ainda **não se sabe**, indo além de uma análise superficial, o pesquisador assume uma postura **reflexiva** e busca fazer inferências com mais liberdade de ideias, reconstruindo o que se comprehende do fenômeno, mesmo quando se depara com alguns limites durante a investigação é impulsionado a buscar **novos horizontes**. Por isso as **metáforas** são importantes para trazerem a **autoria** e a **subjetividade** do pesquisador ao mesmo tempo que auxiliam a **compreensão**, elas trazem a **interpretação** e **contribuição** do pesquisador para a análise. A ATD não traz um "fechamento de ideias" mas considera que outras percepções sempre existirão acerca dos fenômenos que analisa (T2.5, grifos meus).

Incorporar a metáfora, como estratégia para comunicar as compreensões emergentes do processo de análise da/na ATD, desafia o pesquisador a desenvolver sua escrita e sensibilidade. Se no exercício de analisar as informações discursivas, que constituem nosso material empírico, não temos acesso ao que é narrado, mas ao que nosso colaborador escolhe narrar, a proposição de metáforas potencializa o desafio de movimentar-se do semântico ao hermenêutico. Conforme argumentam Moraes e Galiazzzi (2016, p. 255), as metáforas se configuram como potência na ampliação dos horizontes de compreensão do pesquisador, especialmente porque o auxilia “[...] a se mover em espaços discursivos desconhecidos, ajudando a aproveitar a intuição e a imaginação e os conhecimentos tácitos do pesquisador na elaboração e comunicação de novos entendimentos construídos ao longo das análises”.

Galiazzzi, Lima e Ramos (2020), ao discorrerem em torno da metáfora na ATD, argumentam que a mesma precisa transcender a ornamentação linguística e deve incorporar a intencionalidade de atribuir valor cognitivo, interpretativo e epistemológico. Sua potência reside na junção entre razão e imaginação, nuance convergente com a proposta da Filosofia monista de Espinosa, que representa um modo de pensar e interpretar, alicerçado pela natureza subjetiva do sujeito que a propõe e da sua capacidade de percepção dos sentidos que constituem o fenômeno em investigação.

Entre o exercício eloquente de argumentação, estruturado por defesas e estaticidade, e a ênfase poética das metáforas, esboçando e externando as limitações e os devires, se desvelam aprendizagens da/na ATD. Nesse âmago, as compreensões de Ricoeur (2015), ao propor uma teoria filosófica da metáfora, com ancoragem em autores do campo da linguística e do estruturalismo, por meio de oito estudos, se configura como inspiração. Particularmente, no seu primeiro estudo, quando esboça uma definição de metáfora, catalisado pelo par retórica e poética com inspiração em Aristóteles, no qual argumenta que:

Poesia e eloquência desenham assim dois universos de discurso distintos. Ora, a metáfora tem um pé em cada domínio. Ela pode quanto à estrutura, consistir apenas em uma única operação de transferência do sentido das palavras, mas quanto à função, ela dá continuidade aos destinos distintos da eloquência e da tragédia; há, portanto, uma única **estrutura** da metáfora, mas duas **funções**; uma função retórica e outra poética (Ricoeur, 2015, p. 23, grifos do autor).

Na amalgama estabelecida entre a eloquência, o desejo de comunicar e defender algo, e a perspectiva poética, que não tenciona a defesa, mas a abordagem da esfera sensível, desvela-se a potência da metáfora. Assumir a postura de que, partindo de um questionamento, orientado e orientador das nossas intencionalidades, nos desafiamos a compreender ao mesmo tempo a relevância de nos distanciarmos de nossas crenças e ter consciência de que não é possível fazê-lo de forma integral, implica incorporar a metáfora como meio para catalisar e comunicar a escrita das interpretações do pesquisador. Ante o exposto, comprehende-se que a ênfase na escrita autoral que comunica o entendimento em torno da investigação de um fenômeno, no qual o sujeito está implicado, potencializa o processo de elaboração de metáforas. No transcorrer do percurso da/na ATD a imersão do/no fenômeno, desafia a autoria, a sensibilidade e provoca a proposição de metáforas.

Em um segundo nível de discussão a metáfora emerge, a partir da percepção dos pós-graduandos, como estratégia para comunicar o que se desvela do fenômeno. Para T4 “A **imersão contínua** nos **fenômenos** é essencial para a produção de uma **escrita de qualidade**. As **metáforas**, enquanto formas de significação do evento, **enriquecem a compreensão** do novo por meio da escrita metafórica” (T4.4, grifos meus). Enquanto para T5, a metáfora pode ser compreendida como uma estratégia para enriquecer a imersão no fenômeno. Nas suas palavras: “Portanto, na ATD a **compreensão** do **fenômeno** pode envolver várias **complexidades** e **subjetividades difíceis** de **descrever** em seu sentido **real**, podendo, com o uso de **metáforas**, descrever o que está explícito e implícito, **conhecido** e **desconhecido** sobre o fenômeno” (T5.11 grifos meus).

Moraes e Galiazzi (2016) argumentam que escrever, na perspectiva da/na ATD, se configura como modo de constituir a realidade, mas enfatizam que está se refere a aquela que pode ser compreendida. Nesse solo frutifica-se a potência das metáforas, que ao dizer algo abrem brechas para apresentação de nuances complexas, ainda não interpretadas de forma densa, e que se tornam difíceis de ser explicadas. No jogo entre o conhecido e o desconhecido a metáfora esboça-se como meio para comunicar o estático e o movimento, o que se sabe, com saturação alta, e o que não está evidente, com matizes de cores translúcidas e/ou desconhecidas.

A metáfora constitui-se pela subjetividade “de quem atribui sentido à relação entre um objeto ou qualidade a outro objeto ou qualidade e com isso tem a incerteza como a constituidora desta relação” (Galiazzi & Sousa, 2022, p. 179). Nesse espectro, a ausência do anseio pelo estabelecimento de verdades estáticas e imutáveis atribui características a metáfora que a colocam em um espaço para além do conhecimento linguístico, especificamente, a partir de três visões:

[...] a visão substitutiva em que a metáfora é apenas um modo artístico de apresentar o significado literal. A visão comparativa é dominante na tradição, cujo conteúdo cognitivo pode ser transferido para uma formulação literal sem perdas. A visão interativa em que os significados literal e metafórico interagem, gerando assim uma nova organização conceitual (Galiazzi & Sousa, 2022, p. 179).

Os autores supramencionados argumentam que na ATD a metáfora assume essas três dimensões, em particular, quando incorpora sentido estético ao texto, oportuniza

comparações entre objetos e suas nuances e ao, de maneira desafiadora, tecer novas organizações conceituais (*Ibidem*). Ao acessar os textos finais produzidos pelos pós-graduandos, tem-se a oportunidade de identificar o que dizem ter compreendido acerca do conceito de metáfora na/da ATD. Entretanto, entre o que dizem ter aprendido e o que realmente aprenderam aflora um interstício de incertezas inerentes ao que realmente compreenderam e o que se configura como possível de ser percebido do fenômeno investigado, mediante a análise das produções textuais que culminaram as ações do/no componente curricular, aqui assumido como nosso contexto de pesquisa. A metáfora, como proposto pelos pós-graduandos, assume matizes de um recurso potente para materializar o explícito e o implícito, conhecido e desconhecido. Para tanto, também se desvela como estratégia assumida nesse artigo para compreender e comunicar as interpretações, considerando o que pode constituir, estar dentro e fora da cesta, sempre sob influência do que consigo enxergar.

Diversificando os fios que tramam a base da cesta, na categoria inicial G, intitulada como “Uma postura filosófica: não julgar”, abordam-se questões como: a imparcialidade (T1.8); a humildade intelectual (T3.10, T3.11, T3.16) e; a abertura ao inesperado (T4.7, T4.8 e T4.9). Ao discorrer em torno da imparcialidade, na ATD, os pós-graduandos problematizam sua aderência a proposta, não como sinônimo de abandono das lentes que constituem nosso modo de ser e estar no mundo, mas como uma postura, uma intenção de não julgar, não inferir. Aspectos estruturantes da unidade de significado elaborada a partir do texto de T1:

Como os **horizontes** de uma viagem estão sujeitos a **mudanças** durante o decorrer do **percurso**, quando usamos a ATD necessitamos ter a clareza de que no decorrer da pesquisa pode haver mudanças assim como os cenários da viagem. E essas mudanças necessitam de um olhar limpo, sem prévias concepções, afinal **estuda-se o fenômeno** e sua **forma** de **apresentação** (T1.8, grifos meus).

No que tange a postura do pesquisador, especificamente na interação com o objeto, mencionam a demanda por uma atitude respeitosa e que tencione o diálogo. Nesse prisma a mesma pode ser compreendida como humildade, acrescida de um adjetivo, intelectual. Conforme defendido por T3 na unidade a seguir:

A postura do pesquisador é de fundamental importância, pois **olhar** para o **material empírico** com "respeito" e **dialogar** com o mesmo é parte do processo. Assim, o trabalho não é de forma alguma superficial, e sim, o pesquisador se entrega, se dedica para se apropriar para a escrita e reescrita na constituição de um novo saber que ocorre numa crescente contínua (T3.10, grifos meus).

Desenvolver a humildade intelectual supramencionada envolve estar aberto ao inesperado, e ousaria dizer permitir-se o (re)conhecimento do tamanho da nossa ignorância. Dimensões explicitadas na unidade de T4 na sequência:

Compreendemos a ATD como metodologia baseada na fenomenologia e hermenêutica da pesquisa qualitativa nos permite explorar as **novas compreensões** dos fenômenos por meio das **intencionalidades** do pesquisador, uma odisseia filosófica que utiliza além dos processos metódicos para organizar uma nova concepção, compreensão que emerge por meio da organização que nomeamos de metatexto. Para uma concepção nova, rica e autêntica do

fenômeno, necessita tocar a humildade para **deixarmos** de lado as **concepções** já **construídas** para entendimento do corpus (T4.9, grifos meus).

As nuances contempladas, nos direcionam a compreensão de que no exercício da/na ATD somos, de maneira progressiva, desafiados a adentrar no movimento de apropriação das dimensões da/na Filosofia. Que segundo Chauí (2014, p. 17) implica “a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido”. Nesse movimento podemos delinear nossos argumentos em torno da constituição de uma atitude filosófica, potencializada por meio do itinerário da/na ATD. Assumir essa intenção se configura como um exercício que todos nós deveríamos almejar, visto que envolve questionar. O questionamento mobiliza os processos de investigação, mas não se restringe a eles, contempla um modo potente de ser e estar no mundo. Postura que promove o desenvolvimento de pensamento crítico e de promoção da cidadania (Chauí, 2014).

Em específico, quando consideramos as dimensões correlatas ao fazer pesquisa, no desenvolvimento da/na análise, em muitas propostas desafia-se ao pesquisador a adensar exercícios de inferência, que se pauta no julgamento, por muitas vezes polarizado e imobilizado. Esse cenário se fundamenta, de forma majorante, em perspectivas filosóficas que se ancoram em pressupostos dualistas, os quais separam mente e corpo, razão e emoção. Descartes (1596-1650), e seus construtos teóricos, é exemplo disso. No decorrer de sua argumentação discorre acerca da relevância de separarmos mente e corpo, propondo uma Filosofia dualista, sustentada pela percepção de que a mente racional detinha o domínio sobre o corpo e poder sobre os afetos e paixões. Nessa perspectiva o corpo era compreendido como a fonte de todos os erros. Essa ênfase influenciou/influencia o desenvolvimento do conhecimento científico e as suas formas de comunicação.

Em proposta divergente, Baruch Spinoza (1632-1677), um filósofo de origem holandesa, propõe uma Filosofia monista, ancorando sua argumentação na percepção de que os afetos não se configuram como irracionais. No decorrer de sua teoria argumenta em torno da relevância de abandonarmos a moral normativa em prol de uma ética e ciência dos afetos. Nesse ínterim, emerge a proposição de uma Filosofia monista, em que mente e corpo constituem uma mesma instância, sem assimetria em termos de poder. Da mesma forma, não há, nessa perspectiva, distinção entre o conhecimento correlato a esfera da razão e o dos afetos. Nessa conjectura, a felicidade prescinde da razão e alicerça-se na busca da libertação das nossas potências de agir (Bittencourt, 2014).

Diante desse cenário, a nossa potência é mobilizada pelos desejos, que impulsionam nossos saberes e fazeres no cotidiano, aumentando ou não nossa dedicação aos mesmos. Sendo que esse desejo pode se vincular a dimensões externas a nós, o passivo, e determinados por nós, o ativo. Em sua ética dos afetos propõe a migração do desejo passivo rumo ao ativo. Assumir essa postura ética implica não se ancorar em valores transcedentes como bom ou ruim, bem e mal, mas considerar o que nos faz bem ou mal (Ibidem).

A zona limítrofe entre a Filosofia dualista e monista pode, a primeira análise, parecer singela, mas pressupõe assumir uma outra postura e forma de experienciar nossa realidade. Implica,

por exemplo, considerar que nem todo lobo é mau. E no exercício, inerente a análise de informações textuais, como proposto na ATD, não inferir/julgar, mas compreender as pistas que se desvelam no desafio de investigação fenomenológica e de interpretação hermenêutica. Para além de configurar algo como certo ou errado, bom ou mau, razão ou emoção, nos interessa ampliar nossos horizontes na intencionalidade de aprender.

A esta reflexão, ousa-se, agregar outra dimensão que argumenta em torno da pertinência de incorporarmos, em nossas distintas ações, os pressupostos da Filosofia, rumo a uma Filosofia da Educação em Ciências. Conforme proposto por Carmo et al. (2023), em estudo que aproxima a Hermenêutica Filosófica de Gadamer à Educação em Ciências, no qual argumentam em torno de suas potencialidades, especialmente, quando consideramos seu caráter ontológico. Dentre os elementos que estruturam essa percepção destacam a intencionalidade por uma formação integral que exercita a alteridade, a estética, o reconhecimento da finitude e historicidade do ser humano, além do entendimento de que compreensão acerca da ciência e do mundo nunca estará completa.

Como último fio, a ser incorporado na base da cesta, a categoria inicial K, denominada de “O fenômeno como meu reflexo ou eu sou o reflexo do fenômeno”, contempla debates em torno das seguintes nuances: a relação entre o pesquisador e o fenômeno (T1.15 e T3.5); a ênfase fenomenológica na descrição do fenômeno (T3.2, T5.2, T5.6 e T6.4), e; a compreensão do fenômeno sob a ótica da Hermenêutica (T1.16, T1.17, T1.18, T1.19, T1.20 e T2.7). Na sua essência, esse fio, oportuniza na trama da cesta, um exercício de problematização e reflexão em torno do conceito de fenômeno da/na ATD.

Acerca da relação entre o pesquisador e o fenômeno T1 nos provoca a reflexão por meio de uma metáfora em que a ATD é compreendida como um espelho, que ao desvelar o fenômeno revela o próprio pesquisador. “Conjeturando a ATD é o espelho que reflete o fenômeno, assim é necessário **olhar** para o **espelho** para então **descrever** o **fenômeno**, demonstrando assim a **relação intrínseca** estabelecida entre o **material empírico** e o **pesquisador**” (T1.15, grifos meus). Em reflexão análoga, T3 problematiza se é o pesquisador quem “olha” o fenômeno ou o contrário. Afinal, “**Não** é o **pesquisador** apenas que **olha** o **fenômeno**, mas sim, ele que se **mostra** ao **pesquisador** que com escrita crítica explicita o significado das palavras, com profundidade, melhora a clareza ao se **comunicar** sobre o **fenômeno** em análise” (T3.5, grifos meus). A separação entre sujeito e objeto, tão naturalizada nas Ciências Naturais, propagou um ideário em que ambos não estabelecem uma relação de influência mútua. Porém, quando assumimos perspectivas de pesquisa qualitativa, como as defendidas por Moraes (2021), em que a transformação do pesquisador, sua metamorfose, é uma das intencionalidades majorantes, pilares como esse são fragilizados e novas compreensões afloram.

Entretanto, não podemos assumir o fenômeno como sinônimo de objeto. Galiazzi e Sousa (2022), ao abordar essa nuance, discorrem que na Filosofia podem ser identificadas três significações para o conceito de fenômeno. “O primeiro como aparência ou fato puro e simples, podendo ser considerada a manifestação da realidade ou não. O segundo significado é o de fenômeno estar associado ao objeto de conhecimento delimitado pela relação com o sujeito que busca conhecer o objeto e o terceiro significado a revelação do objeto em si”

(Galiazzi & Sousa, 2022, p. 105). Ao concluir argumentam que “na ATD, o fenômeno é o que vai se expor na análise e que vai se mostrar e iniciar pela descrição” (Ibidem).

Nesse escopo, na primeira dimensão articula-se a acepção de fenômeno a aparência, manifestando ou não a realidade, enquanto na segunda associa-se o mesmo ao objeto de conhecimento, que esboça-se na relação com o sujeito que intenciona conhecê-lo, e a terceira alicerça-se por meio da revelação do objeto em si, a partir da percepção do pesquisador. Quando consideramos o exposto pelos pós-graduandos, em T1.15 e T3.5, identifica-se matizes das três dimensões, no entanto predomina a intermediária, ancorada na percepção do pesquisador e da influência da capacidade de “enxergar” do mesmo nesse itinerário investigativo.

No âmago do exercício de problematização e compreensão da relação entre sujeito e objeto, fenômeno e pesquisador, emerge a ênfase fenomenológica, especialmente na percepção da potencialidade da descrição como processo necessário e relevante. Aspectos mencionados por T6 quando discorre que:

Ao utilizar a ATD, é crucial **adotar** uma abordagem **fenomenológica, permitindo** que as características **revelem** suas **características intrínsecas** no decorrer da análise. Contudo, é **fundamental** definir claramente a **intencionalidade** da pesquisa para discernir a eficácia das características emergentes. Nesse contexto, a **perspectiva fenomenológica** serve como uma **lente interpretativa**, enquanto a **intencionalidade** da pesquisa atua como um **guia estratégico** para uma análise textual mais profunda e significativa (T6.4, grifos meus).

A descrição, nessa perspectiva, se delineia como potência no desafio de interpretação do fenômeno. Como argumentam Galiazzi e Sousa (2022, p. 105) “a descrição é o discurso que conduz pelas marcas à coisa. Conduz à singularidade da coisa que a distingue das outras, focando, então, no objeto mais do que em quem descreve. A descrição se diferencia da definição, pois enquanto a definição é universal a descrição é singular, o que distingue a coisa de outra”. E complementam argumentado que na “ATD, assemelha-se a compreensão de que pela análise se chega à coisa, ao **fenômeno**, mas este é impossível de ser definido, no entanto pode ser descrito” (Galiazzi & Sousa, 2022, p. 105-106, grifo dos autores). Ante o exposto, a metáfora proposta em T1.15, em que a ATD pode ser percebida como espelho que reflete fenômeno/pesquisador, assim como as discussões análogas, tecidas em T3.5 e T6.4, afloram a compreensão da/na ATD como um movimento de percepção do fenômeno mediante as dimensões ontológicas do pesquisador, mobilizada pelas intencionalidades da/na investigação e pela certeza de que sua representação, em termos mais enrijecidos, jamais será alcançada.

Soma-se ao exposto, como mencionado por T6, que adotar a perspectiva fenomenológica, na qual se almeja que o fenômeno se mostre, não implica desconsiderar as intencionalidades da pesquisa. Conforme argumentado por Gedhin e Franco (2015) a intencionalidade das nossas investigações mobiliza o processo de pesquisa desde os passos preliminares, em que o próprio entendimento de conceito e fenômeno ainda não estão totalmente explícitos ao pesquisador. Nas suas palavras:

O que existe, de início, é uma intencionalidade metodológica, que oferece os primeiros passos e o instrumental inicial. Não obstante, essa intencionalidade é que deverá acompanhar o pesquisador em seu processo de investigação; ela será a caixa de diálogo que acompanhará todo o processo investigativo, a qual, por sua vez, será a potencializadora da dúvida metódica e o espaço necessário para a construção de um conhecimento científico (Ghedin & Franco, 2015, p. 252).

Ainda acerca das possibilidades, narradas pelos pós-graduandos, no que tange a relação entre o pesquisador e o fenômeno, emerge a compreensão do fenômeno sob a ótica da Hermenêutica. Nesse ínterim, para T1 compreender o fenômeno é um exercício hermenêutico, nas suas palavras:

O **pesquisador intenciona** buscar **compreender** e **ressignificar** o que se **mostra**. Ao escrever, **descreve-se** o que é percebido, o exercício da escrita permite a crescente **percepção** dos fenômenos abordados. Deste modo, para **compreender o fenômeno** é preciso mergulhar na **interpretação** das **palavras** que o **descrevem**. Fazendo uso da hermenêutica nesse processo, é possível **transitar** em seus **conceitos** e apresentar uma evolução metodológica que se incorpora em uma **análise** mais **profunda** e reflexiva que enriquece o fenômeno estudado (T1.19, grifos meus).

A essa interpretação/defesa incorpora-se o entendimento de T2, no qual argumenta que compreender um fenômeno envolve mergulhar nas palavras. Conforme explicitado na unidade a seguir: “Na ATD para se **compreender** um **fenômeno** é preciso **mergulhar** profundamente nos significados das palavras que o descrevem, estabelecer os **círculos hermenêuticos**, e de modo geral também, com **olhar** e **escuta** atenta [...]” (T2.7, grifos meus). Entretanto, o mergulho nas palavras intenciona desvelar conceitos que ancoram as percepções emergentes do fenômeno investigado. Nesse processo acessamos, apenas, as palavras selecionadas por aqueles que constituem o fenômeno, ou seja, a narrativa que escolheram contar, não aquela que realmente ocorreu. Soma-se a essa compreensão o fato de que na seleção de uma palavra em detrimento de outra também estamos assumindo uma possibilidade de interpretação em oposição a outra.

Acerca da ancoragem da ATD à perspectiva Hermenêutica, Galiazzi e Sousa (2022, p. 33, grifos dos autores), argumentam em torno da:

[...] vinculação da ATD à Hermenêutica Filosófica, que aposta na escuta atenta das informações textuais e discursivas como exercício de reconhecimento do outro. Acerca dos passos de unitarização, categorização e metatexto, aproxima-se a noção de **círculo** ou **espiral** hermenêutico em que não é possível ingressarmos em um movimento interpretativo negando nossas pré-compreensões, pois elas constituem uma reivindicação à coerência da análise. Por fim, a tarefa hermenêutica da ATD é ir além do que já se sabe sobre o fenômeno, aprender sobre ele, ampliando o horizonte interpretativo por meio das emergências teóricas, ou seja, na disposição de novas elaborações dialógicas.

Incorporar os pressupostos da Hermenêutica Filosófica no desafio de compreender o fenômeno em estudo se configura como potência, particularmente, quando consideramos as intencionalidades da/na ATD que transcendem a testagem de hipóteses no intuito de comprová-las ou refutá-las (Moraes & Galiazzi, 2016). Nesse processo, na trama dos fios que alicerçam e estruturam a base da cesta da/na ATD, nos interessa, e mobiliza, o desafio de compreender um fenômeno mediante nossas intencionalidades de investigação e

aprendizagem. Sua delimitação aflora e se intensifica na medida em que vamos trilhando o desafio de deixá-lo se mostrar. Nesse percurso o que se desvela é o fenômeno ou o que de mim se reflete nele? Eis uma questão central, mobilizadora de aprendizagem e delineadora da não neutralidade no processo. Desvelam-se influências, posturas e marcadores essenciais.

Aqui não tem final: a conclusão inconclusa rumo a novos itinerários da/na floresta

A narrativa abarcada em três atos, “Partir é preciso: entre marcadores de contexto e nuances teóricas”, “O itinerário se faz no caminhar rumo a floresta: nuances metodológicas” e “O que se mostra da/na nossa (ces)sexta: aprendentes da/na ATD”, contada nesse texto, comunica o exercício de compreensão de uma sala de aula que se ancorou em princípios da Fenomenologia e da Hermenêutica na intencionalidade de oportunizar aos participantes um ampliar de horizontes da/na ATD e de seus princípios teórico/metodológicos. Diante dessa conjectura, cabe retomar a metáfora que alicerça o terceiro ato. Toda cesta é tramada a partir de uma finalidade, ousaria dizer uma intencionalidade, se configurar como um espaço para que algo possa ser guardado. Geralmente serve como ferramenta de transporte, em que este algo ou algumas coisas, são carregadas de um ponto a outro. O conteúdo da cesta pode ser alterado, mediante a necessidade daquele que irá realizar o percurso com a mesma e/ou pretende, apenas, assumi-la como espaço para resguardar algo relevante. Os formatos que a cesta pode incorporar são diversos, aqui vamos assumir a representação de uma construída de maneira artesanal, com materiais vinculados a região e a oferta disponível na mesma. Considerando o lugar onde me encontro, a cidade de Dourados em Mato Grosso do Sul, imaginemos uma cesta feita da palha das vastas plantações de milho, que rodeiam o campus da nossa universidade. Nessa cesta, tramada pelas contribuições de todos os que participaram dessa comunidade aprendente, que se delineou no espaço da nossa sala de aula, nas sextas a noite, com foco na ATD, cabem muitas possibilidades. Na base da cesta, bem no fundo, sustentam as aprendizagens construídas, os aportes teórico/metodológicos que ancoram nossas ações. Destacam-se com tonalidades mais vividas as dimensões correlatas as nuances filosóficas, em especial, a Hermenêutica e a Fenomenologia. Nesse ínterim, argumenta-se em torno da relevância de, na intencionalidade de aprofundar os conhecimentos da/na ATD, intensificar a compreensão de seus pilares, as nuances que sustentam seu modo de ser e estar no campo da pesquisa de natureza qualitativa.

Dentre as pistas emergentes do/no processo de análise desvelam-se quatro fios que podem ser destacados como aqueles que alicerçam a trama da base da nossa cesta da/na ATD, dos quais pode-se mencionar: i) a acepção da ATD com ancoragem na Fenomenologia e na Hermenêutica; ii) a metáfora como estratégia para comunicar as compreensões emergentes; iii) a perspectiva da Filosofia monista como uma potência no desafio de não julgar e; iv) a relevância do fenômeno como espaço/tempo de problematização da percepção do pesquisador e da relação entre sujeito e objeto. Diante desse cenário, alguns elementos constituem e enriquecem essa trama, tais como o conceito de compreensão. Compreender, a partir da percepção dos pós-graduandos, se configura como uma intenção na ATD. Entretanto, nossa compreensão, influenciada por nossas intencionalidades e capacidade de

perceber o fenômeno situado, desvela-se na investigação fenomenológica conduzida. Não almeja-se culminar o processo detendo verdades estáticas e fruto de um único caminho/percepção, há muitas facetas não percebidas e ainda por ser contempladas. Nesse desafio, a emergência de metáforas se configura como um caminho potente no percurso, especialmente, por sua natureza sensível e desinteresse por apresentar interpretações enrijecidas. Na medida em que avançamos em nosso itinerário/caminhada, para além de construir o mapa vão se desvelando ferramentas potentes na interpretação do ambiente/fenômeno investigado. Em face do exposto, ampliar a compreensão da ATD envolve assumir, de maneira progressiva, posturas filosóficas, ancoradas em perspectivas singulares, tais como as propostas na Filosofia monista, que intencionam, por exemplo, não julgar, mas perceber, interpretar e compreender.

Nessa tramatura de fios, estabelecida a partir da compreensão das vivências e experiências construídas nessa sala de aula, emerge a interpretação de que o Programa de Estudos e Pesquisa que tenho desenvolvido, que assume a ATD enquanto fenômeno, a coisa a ser compreendida, pode incorporar outras dimensões, tais como a investigação de sua potência enquanto metodologia de ensino. Nesse movimento preambular desvelam-se alguns marcadores, em torno dessa outra possibilidade para a ATD, dentre eles a sua ancoragem na escrita em sua função epistêmica, na pesquisa como princípio educativo e na Filosofia como um horizonte pujante no desenvolvimento da curiosidade epistemológica e humanização das relações. Nesse ínterim, para além dos marcadores comunicados, em torno de sua adoção como metodologia de ensino, alguns outros afloram, tais como: i) a compreensão de que sua condução precisa considerar suas dimensões teóricas e práticas, ou seja, a sua orientação fenomenológica e hermenêutica, e a sua operacionalização, diante das etapas de unitarização, categorização e elaboração do metatexto; ii) a demanda pelo trabalho com materiais textuais, ou passíveis de se tornarem texto; iii) a seleção de temáticas, conteúdos, conhecimentos prévios, dentre outras possibilidades, enquanto catalisadores do desencadear das ações/atividades; iv) a possibilidade de incorporar diferentes configurações/intencionalidades em sala de aula, desde investigação dos conhecimentos prévios dos alunos, até mesmo a investigação de uma temática, conteúdo e/ou referencial teórico e; v) a potência, explícita, para aplicação na pós-graduação e graduação e implícita para a Educação Básica.

No entanto, ante ao exposto até aqui, não se objetiva, neste momento, delimitar zonas de argumentação imutáveis e/ou impassíveis de ressignificação, mas apresentar pistas que convergem em torno da defesa da intensificação de investigações que assumam como fenômeno de compreensão a própria ATD, adensando o debate e a interpretação de suas dimensões teóricas. Desse movimento desvelam-se distintos desdobramentos tais como a relevância de incorporarmos nuances da Filosofia em nossas ações, assim como aquelas que ancoram a ATD. Além da ampliação de sua compreensão/definição em termos de uma metodologia de análise de informações discursivas rumo a paisagens, ainda a ser desbravadas, que investigue sua potencialidade enquanto metodologia de ensino, que se inspira na escrita em sua função epistêmica, na pesquisa como princípio pedagógico e em pressupostos da Hermenêutica e Fenomenologia. Especialmente, quando consideramos que estudar/investigar um fenômeno perpassa nosso cotidiano em sala de aula, nesse processo

partimos do desafio inerente ao reconhecimento da nossa capacidade de percepção, dimensão da nossa ignorância ante a temática em estudo, rumo a um ampliar de horizontes por meio da escrita, leitura e pesquisa, materializando um novo itinerário/caminhada pela floresta.

Nesse ponto, parto rumo a outras perspectivas do conto de chapeuzinho e sua relação para com a ATD. E nesse momento, ao contemplar o horizonte, esboçam-se paisagens diversas. Culminamos aqui, apenas, parte do itinerário/caminhada. Transitamos em um pequeno trecho da imensa floresta, ainda sem experienciar uma parcela vasta das infinitas possibilidades desse fenômeno, complexo e plurifacetado. Nesse processo, ao analisar, interpretar e comunicar a trama compreensiva, tecida por meio das percepções explicitadas pelos pós-graduandos, argumenta-se em torno da relevância de considerarmos possibilidades outras de acepção do lobo e da própria ATD. Afinal, como já mencionado, se nem todo lobo é mau, não seria a ATD, somente, uma metodologia de análise de informações discursivas....

Agradecimentos

Neste momento gostaria de externar meus sinceros agradecimentos a cada um dos dez pós-graduandos, que gentilmente permitiram o desenvolvimento da investigação de nossa sala de aula. Além do exposto, desejo dedicar, em forma de agradecimento, este artigo aos professores Roque Moraes (in memoriam) e a Maria do Carmo Galiazzi, por ampliarem meus horizontes e me inserirem no campo da/na Pesquisa em Educação Química/Ciências.

Referências

- Ambrósio, M. (2013). *O uso do Portfólio no Ensino Superior*. Vozes.
- Andrade, D. M., Schmidt, E. B., & Montiel, F. C. (2020). Uso do software NVIVO como ferramenta auxiliar da organização de informações na análise textual discursiva. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 948–970. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.357>
- Aranha, M. L. A. & Martins, M. H. P. (2009). *Filosofando: Introdução a Filosofia*. Moderna.
- Ariza-Ariza, L. G. (2020). Relación metodológica entre ATD y el uso de Atlas.ti como herramienta en la investigación cualitativa en un estudio contextualizado. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 991–1009. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.375>
- Bicudo, M. A. V. (2011). *Pesquisa qualitativa segundo a visão Fenomenológica*. Cortez.
- Bittencourt, R. N. (2014). A Filosofia como potência de agir através da atividade do esquecimento em Espinosa e Nietzsche. *Ítaca*, 27, 34-160. <https://doi.org/10.59488/itaca.voi27.2419>
- Calixto, V. S. (2020). Reflexões acerca do desenvolvimento da autoria no exercício de escrita envolvido na análise textual discursiva: um horizonte compreensivo. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 835–862. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.353>
- Calixto, V. S., & Galiazzi, M. C. (2017). A constituição do professor/pesquisador no componente curricular de Monografia por meio da escrita em diários de pesquisa. *Química Nova na Escola*, 39(20), 170–178. <http://dx.doi.org/10.21577/0104-8899.20160073>
- Calixto, V. S., Galiazzi, M. C., & Kiouranis, N. M. M. (2022). A Análise Textual Discursiva como um exercício de ampliação de horizontes compreensivos acerca da pesquisa qualitativa. *Vitruvian Cogitationes*, 2(1), 45–64. <https://doi.org/10.4025/rvc.v2i1.63586>

- Calixto, V. S., Galiazzo, M. C., & Kiouranis, N. M. M. (2024). *Horizontes compreensivos da/na Análise Textual Discursiva – ATD: da ousadia de entrar na toca do coelho à ampliação de horizontes por meio da metamorfose da lagarta*. Em C. A. O. Magalhães Junior (Org.). *Análise de dados em Educação para a Ciência e a Matemática* (pp. 20-34). Texto e Contexto.
- Calixto, V. S., & Marques de Oliveira, A. (2023). Um itinerário compreensivo acerca do portfólio: diálogo entre professoras em formação. *Actio: Docência em Ciências*, 8(1), 1-23.
<http://dx.doi.org/10.3895/actio.v8n1.14686>
- Carmo, A. P. C., Sousa, R. S., & Galiazzo, M. C. (2023). Uma filosofia da educação em ciências no horizonte da hermenêutica filosófica. *Prometeica - Revista De Filosofia Y Ciencias*, 27, 39–55.
<https://doi.org/10.34024/prometeica.2023.27.14749>
- Chauí, M. (2014). *Iniciação a Filosofia: ensino médio*. Ática.
- Freitas, D. P. S. (2020). A Análise Textual Discursiva enquanto experiência estético-educativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 706–721. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.376>
- Gadamer, H. G. (2015). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Vozes.
- Galiazzo, M. C. (2011). *Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências*. Unijuí.
- Galiazzo, M. C., Lima, V. M. R., & Ramos, M. G. (2020). A fusão de horizontes na Análise Textual Discursiva. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), iv–xix. <https://doi.org/10.33361/RPQ.v.8.n.19>
- Galiazzo, M. C., Ramos, M. G., & Moraes, R. (2021). *Aprendentes do aprender*. Unijuí.
- Galiazzo, M. C., & Sousa, R. S. (2022). *Análise Textual Discursiva: uma ampliação de horizontes*. Unijuí.
- Ghedin, E. & Franco, M. A. S. (2015). *Questões de método na construção da pesquisa em Educação*. 2. Cortez.
- Gonçalves, F. P. (2020a). Considerações de natureza epistemológica sobre a análise textual discursiva. *Educação*, 43(1), 1-12. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2020.1.29832>
- Gonçalves, F. P. (2020b). Análise textual discursiva como constituinte de um processo de comunicação. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 722–738. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.370>
- Gondrin, J. (2012). *Hermenêutica*. (Trad. Marcos Marcionilo.). Parábola Editorial.
- Grimm, J., & Grimm, W. (2022). *Capuchinho Vermelho*. (Tradução Editorial Presença, Lisboa. Tradutor Paulo Rego. Ilustrações Rocio Bolina. Jacarandá.
- Hermann, N. (2002). *Hermenêutica e Educação*. DP&A.
- Lorenzetti, L., Domiciano, T. D., & Geraldo, A. P. (2020). A utilização do software QDA miner lite nas pesquisas que utilizam a análise textual discursiva. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 971–990.
<https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.367>
- Marcelino, V. S., & Silva, A. R. (Orgs.). (2023). *Análise Textual Discursiva: teoria na prática - mosaico de pesquisas autorais*. Encontrografia.
- Marcelino, V.S., & Silva, A. R. (Orgs.). (2024). *Análise Textual Discursiva: teoria na prática - pesquisas autorais como uma tempestade de luz*. Encontrografia.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2022). *Fundamentos de metodologia científica*. (9a. ed.). Atlas.
- Marques, M. O. (2008). *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Vozes.
- Milli, J. C. L., Solino, A. P., & Gehlen, S. T. (2020). A análise textual discursiva como uma bússola praxiológica à perspectiva freireana de educação. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 739–767.
<https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.373>
- Moraes, R. (1991). A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de formação e profissionalização de bons professores. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul], Porto Alegre/RS.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, 22(37), 7-32.
- Moraes, R. (2003). Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação (Bauru)*, 9(2), 191-211.

- Moraes, R. (2021). *Roda da fortuna: Movimentos de uma espiral reconstrutiva da pesquisa qualitativa.* Em Galiazzi, M. C., Ramos, M. G., & Moraes, R. (in memoriam). *Aprendentes do Aprender: Um exercício de Análise Textual Discursiva.* (pp. 102-120). Unijuí.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. C. (Orgs.). (2019). *Percursos de Formação de Professores de Ciências.* (1a. ed.). Appris.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. C. (2016). *Análise Textual Discursiva.* (3a. ed.). Unijuí.
- Ricoeur, P. (2015). *A metáfora viva.* (3a. ed.). Edições Loyola.
- Rohden, L. (2012). Filosofando com Gadamer e Platão: Movimentos, Momentos e Método(s) da Dialética. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Pelotas, 36, (s.n.), 105-130.
- Sá – Chaves, I. (2005). *Os portfólios “reflexivos” (também) trazem gente dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos.* Coleção CIDInE17. Porto.
- Silva, A. R., & Marcelino, V. S. (Orgs.). (2022a). *Análise Textual Discursiva (ATD): teoria na prática.* 1. Encontrografia.
- Silva, A. R., & Marcelino, V. S. (Orgs.). (2022b). *Análise textual discursiva [livro eletrônico]: teoria na prática - ensaios orientados.* (1a. ed.). Encontrografia.
- Silva, A. R., & Marcelino, V.S. (Orgs.). (2025). *Análise Textual Discursiva: Teoria na prática – Um ciclo de compreensões e aprendizados.* (1a. ed.). Encontrografia.
- Silva, E. V. K. (2016). Quem tem medo do lobo mau? A representação do lobo em contos e recontos. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, 19(1). <https://doi.org/10.5216/lep.v19i1.39894>
- Sousa, R. S. (2016). *A hermenêutica Filosófica no Horizonte da Educação Química: o professor de Química como tradutor-intérprete de uma Tradição da Linguagem.* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande], Porto Alegre/RS.
- Sousa, R. S. (2020). O texto na análise textual discursiva: uma leitura hermenêutica do “tempestade de luz”. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 641–660. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.363>
- Souza, M. (2011). *Histórias de Professores de Química em Rodas de Formação em Rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas.* Unijuí.
- Villas-Boas, B. M. de F. (2004). *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.* Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. Papirus.
- Zambam, R. E. A hermenêutica filosófica na ATD. (2020). *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(19), 661–676. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.19.368>